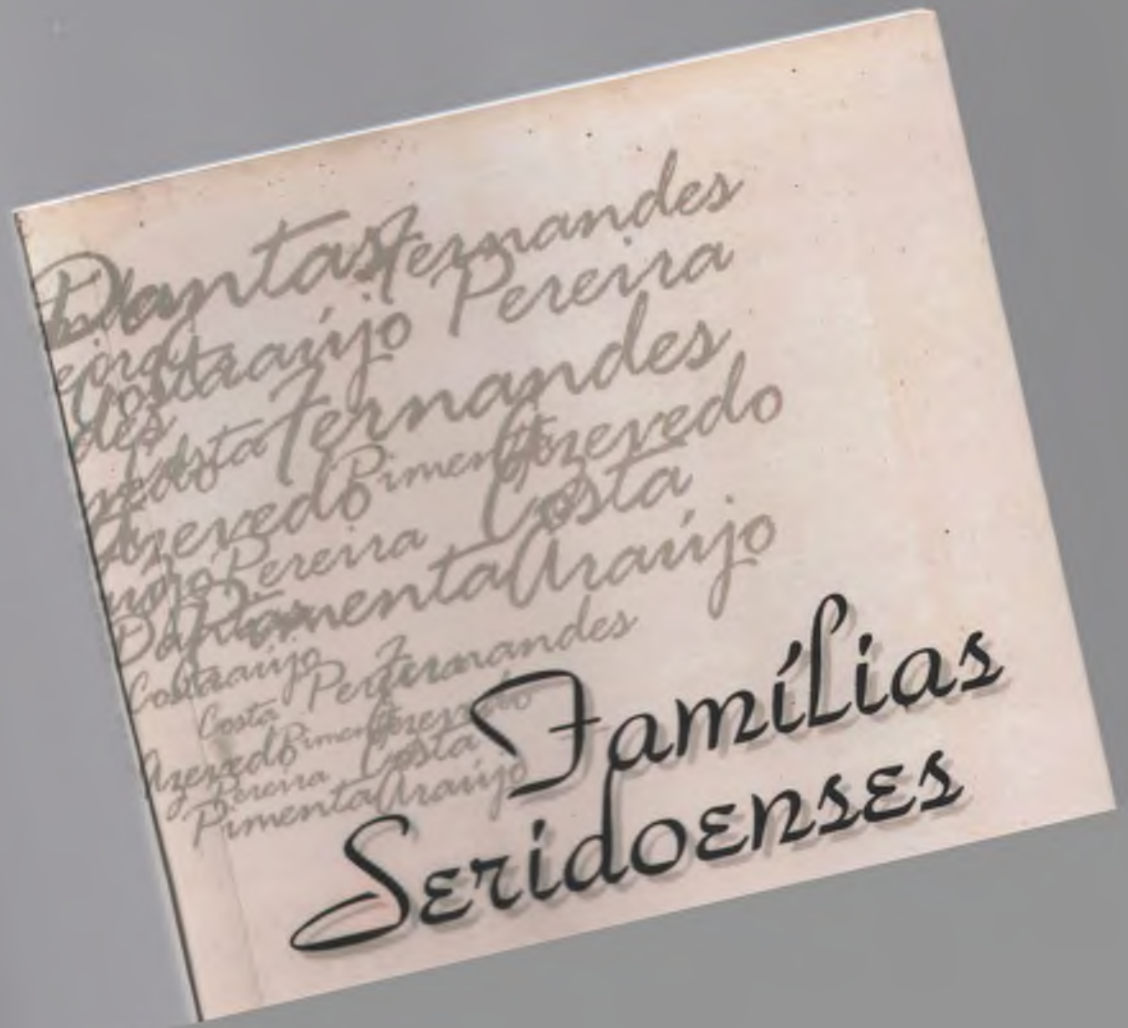
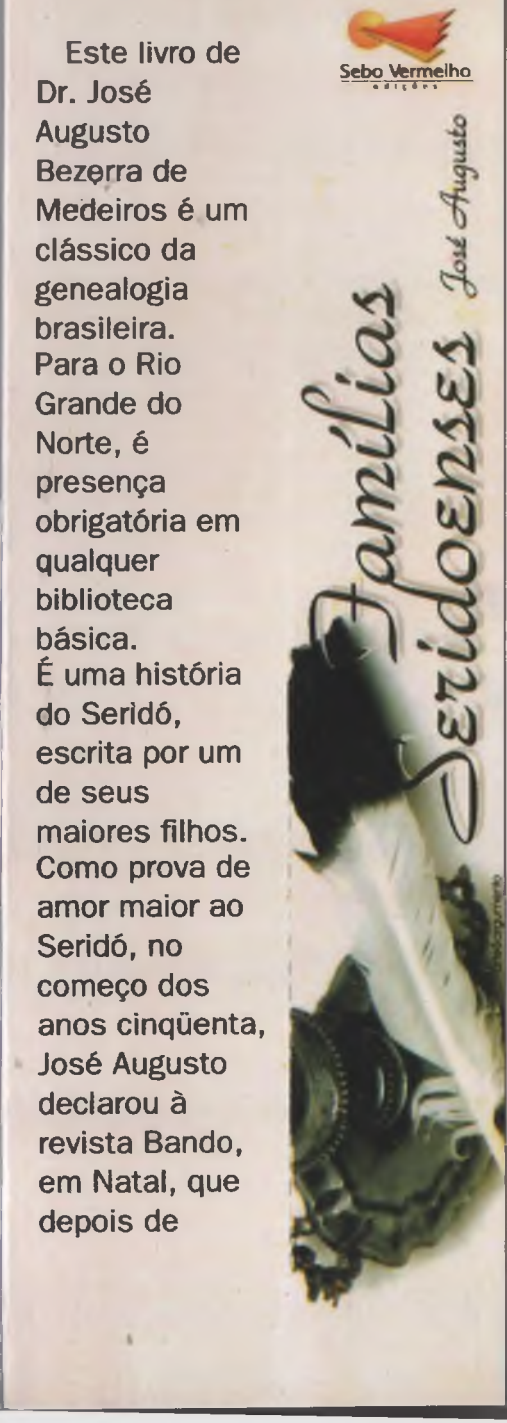

Famílias
Seridoenses

José Augusto

Este livro de Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros é um clássico da genealogia brasileira. Para o Rio Grande do Norte, é presença obrigatória em qualquer biblioteca básica.
É uma história do Seridó, escrita por um de seus maiores filhos. Como prova de amor maior ao Seridó, no começo dos anos cinqüenta, José Augusto declarou à revista Bando, em Natal, que depois de



FAMILIAS SERIDOENSES

FAMILIAS SERIDOENSES

Editor
ABIMAEL SILVA

Capa
ALEXANDRE OLIVEIRA

Impressão
MIRO NETO

Coordenação Gráfica
E. M. F. NETO

Edição
FAC-SIMILAR

Junho - 2002

Av. Rio Branco, 705
Centro - Natal/RN
CEP 59025-002

BIBLIOTHECA HISTORICA NORTE-RIOGRANDENSE

JOSÉ AUGUSTO

FAMILIAS SERIDOENSES

I

1940
irmãos PONGETTI editores
Rio de Janeiro

JOSÉ AUGUSTO BEZERRA DE MEDEIROS nasceu no Caicó-(RN), aos 22 de setembro de 1884, expirando no Rio de Janeiro-(RJ), aos 28 de maio de 1971. Pertencia a famílias tradicionais do Seridó, com efetiva atuação na vida política do Rio Grande do Norte. Seu avô paterno foi o Cel. Silvino Bezerra de Araújo Galvão, do Acari-(RN); o materno, o Senador José Bernardo de Medeiros, do Caicó.

JOSÉ AUGUSTO projetou-se no campo da Magistratura, da Educação, da Administração Pública, da Política e das Letras.

Foi Bacharel em Direito (1905), Juiz de Direito, Professor, Deputado Estadual, Deputado Federal, Senador da República, Governador (Presidente) do Estado do Rio Grande do Norte (1924-1927). Sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Autor de destacados livros sobre Educação e Economia. Foi também cultor da Genealogia, matéria

que era muito cultivada no velho Seridó...

Em 1940 veio à luz o livro FAMÍLIAS SERIDOENSES, de José Augusto, editado no Rio de Janeiro por Irmãos Pongetti Editores. O livro foi muito bem aceito pelos leitores potiguares, principalmente aqueles ligados à região seridoense.

O Livro representa, hoje, uma raridade bibliográfica, o que levou o SEBO VERMELHO a providenciar uma 2ª edição de FAMÍLIAS SERIDOENSES.

Foi uma feliz iniciativa, que veio proporcionar aos interessados o acesso àquele livro, considerado um dos clássicos da nossa biblioteca genealógica.

OLAVO DE MEDEIROS FILHO

A' memoria de meu querido e inesquecivel pae, professor Manoel Augusto Bezerra de Araujo, nascido em 6 de Fevereiro de 1861 na fazenda Ingá, municipio de Acary, e fallecido no Rio de Janeiro em 5 de Dezembro de 1907, dedico estas paginas em que estudo a formação da familia seridoense, a que pertencia e da qual tanto se honrava.

PALAVRAS INICIAES

As paginas que se seguem são um ligeiro estudo a respeito das origens e procedencia de algumas das familias que povoaram e habitam o Seridó.

Estou colhendo dados e informações referentes a algumas outras — Nóbrega, Pereira Monteiro, Faria, Mariz, Gomes de Mello, Garcia, Valle, Gomes da Silva, Queiroz, Pires, para proxima publicação.

Faço preceder esse meu ensaio de uma ligeira apreciação relativa á creação do gado, por haver sido a pecuaria o factor preponderante no povoamento da zona, o motivo economico que decidiu filhos de outras regiões nordestinas a procurarem as margens do Rio Seridó e seus affluentes e ahi se fixarem.

De resto, no livro "Seridó", quasi concluido, abordarei larga e desenvolvidamente toda a historia da terra em que tive a fortuna de nascer e crear-me.

A CREAÇÃO DO GADO: FACTOR DO POVOAMENTO DO SERIDÓ

A funcção socio-geographica do gado tem sido estudada larga e desenvolvidamente em varios paizes e por sociologos e historiadores de renome.

O nosso Capistrano de Abreu, mestre entre os mestres da historia patria, consagrou ao assumpto algumas paginas de verdade irrecusavel, e Roberto Simonsen, na "Historia Economica do Brasil de 1500 a 1820", estuda, em dois documentados e excellentes capitulos, a pecuária como um dos factores economicos essenciaes na occupação e desbravamento dos sertões brasileiros.

Alberto Zum Felde, no "Proceso Historico del Uruguay", esquema de uma sociologia de sua Patria, demonstra amplamente como toda colonização reclama para seu desenvolvimento uma fonte de riqueza natural, que não somente assegure as condições de vida do povo, como tambem offereça possibilidade de exploração commercial. A multiplicação do gado foi essa fonte no Uruguay.

"Las dos manadas de yeguas y vacas traídas por Hermandarias son, diz Zum Felde, el principio de nuestro proceso histórico. Es de observar que la ganaderia.

en las condiciones en que se presenta en el Rio de la Plata, es un fenómeno único en todo el mundo. Ha habido y hay pueblos pastores y comarcas con rebaños de vacas, ovejas y cabras; pero en ningún país, manadas innumerables de vacas, toros, yeguas, potros, se extiendem y se multiplican libremente en los vastos pastizales desiertos, cuchillas del Uruguay, pampas de la Argentina, tornándose cimarronas. Este es el fenómeno característico del Plata y el que ha de determinar y caracterizar su vida y su historia." (1)

E mais adiante: *"El ganado le da* (ao homem) *el cuero con que puede fabricar rústicamente sus botas, su apero, su lazo, su cama, y casi todo cuanto necesita en una existencia campera."* (2)

Este trecho faz lembrar aquele outro de Capistrano de Abreu, descrevendo o que ele chamou a época do couro: *"De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar a agua, o mocó ou alforje para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendelo em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para cortume ou para apurar sal; para os açudes o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a ter-*

(1) Alberto Zum Felde — Proceso Histórico del Uruguay, pag. 19.

(2) Idem, pag. 20.

ra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz." (3)

A vida pastoril cria typos de habitos viris, rudes e bravos. "*La ganaderia hace al habitante del campo, nativo o colono, fuerte, osado, ágil y pigil.*" É que "*hay que domar caballos cerriles, hay que perseguir y voltear la res a bolas o a lazo, hay que' adiestrarse en el manejo del cuchillo, hay que aguzar los sentidos y hacerse vaqueano.*" (4)

No Rio Grande do Norte a criação do gado teve, por largo espaço de tempo, quando do Brasil colonia, importancia essencial para toda a economia nordestina.

Hermann Watjen, no seu livro "O Dominio Holandês no Brasil", afirma em relação a Pernambuco que "o maior fornecimento de rezes para o consumo era feito pelos criadores de gado do Rio Grande". E acrescenta: "Em 1635 os conselheiros politicos exaltaram a conquista final desta Capitania como um beneficio inestimavel da fortuna. Sem o Rio Grande os soldados hollandeses, tão miseravelmente tratados com os sós recursos dos armazens, ficariam condemnados a morrer de fome; sem o Rio Grande a alimentação da população de Pernambuco, em constante crescimento, seria uma coisa impossivel." (5)

Ainda 59 annos depois, em 1694, aos 5 de junho, o

---

(3) Capistrano de Abreu — Capitulos de Historia Colonial, pag. 180.

(4) Zum Felde — Proceso Histórico del Uruguay, pag. 28.

(5) Hermann Watjen — O Dominio Colonial Hollandez no Brasil, pag. 442.

Governador Geral da Bahia, D. João de Lencastro, em carta ao Governador de Pernambuco, Caetano de Mello Castro, transmittia ordens reaes para o assentamento de seis aldeias de indios, no Assú, no Jaguary e no Piranhas, justificando a necessidade da providencia em territorio que não sob o governo de Mello Castro, pela importancia de se conservar a Capitania do Rio Grande, não tanto por ella, como principalmente pelas "consequencias do perigo a que ficam expostas, si ella se perder, as da Parahyba, Itamaracá e Pernambuco." E, alem das razões militares invocadas, acentuava: "Sei eu, (e vós me haveis de confessar) que dos gados do Rio Grande se sustentam os povos dessa Capitania (a de Pernambuco) e das outras duas (Itamaracá e Parayba); que da sua carne resulta o imposto que se paga para a infantaria; e de seu serviço a permanencia de todos os Engenhos e Canaviaes de Pernambuco; e que dos açucares que nella se lavram depende a carga de frotas e o comercio mercantil; sem o que não se pode conservar essa praça: logo por precisa conclusão, vem essa Capitania (Pernambuco) a ser a mais empenhada, ainda que as duas visinhas se não percam, em se defender, e conservar a do Rio Grande, de que tão essencial dependencia tem essas do Norte." (6)

Eis ahi: o Rio Grande do Norte foi por largo tempo, atravez da sua criação de gado, o sustentáculo das tres outras Capitanias vizinhas, e os soldados hollandeses mor-

(6) Biblioteca Nacional — Documentos Históricos, volume XXXVIII, pags. 317 e 318.

reriam á fome, se não fora o Rio Grande do Norte com o fornecimento de suas rezes.

Facil é explicar o florescimento da pecuária norte-riograndense naquella época. É que muitos dos trechos do territorio potiguar, muitas das zonas em que se dividia a Capitania, foram povoados na *época do couro,* a que se refere Capistrano de Abreu, no *cyclo dos criadores de gado,* os quaes Basilio de Magalhães considerou, com justa razão, "os fatores de uma larga expansão geographica" no norte do paiz.

A historia territorial do Rio Grande do Norte, que pode ser seguida e acompanhada, em grande parte, no exame das datas de terra e sesmarias concedidas aos que vieram povoar o seu solo, e nele se fixaram, revela, em cada uma dessas concessões, ou melhor em sua quase totalidade, um pensamento unico: a obtenção de terras para *acomodar os gados, onde situar os gados, onde crear os gados.*

Na zona do Seridó certo e seguro é afirmar-se que todo o movimento povoador decorreu da necessidade economica de encontrar logar adequado à localização de fazendas de criação de gados.

Claro está que os primeiros sesmeiros seridoenses, salvo uma ou outra execepção, não vieram pessoalmente tomar posse das terras obtidas e dirigir as fazendas que iam instalando. Faziam-no por intermedio de vaqueiros e procuradores, muitos dos quaes se tornaram posteriormente fazendeiros abastados.

Mas, á proporção que os interesses economicos foram se avolumando e que os perigos de encontros sangrentos

com a indiada bravia foram diminuindo até cessarem de todo, muitos, e dos da melhor estirpe, instalaram-se nas suas terras e dirigiram em pessoa as suas criações.

São dessa época os fundadores das grandes familias que ainda hoje occupam, a titulo quase exclusivo, o territorio banhado pelo rio Seridó e seus affluentes, na hora presente, abrangendo oito circunscripções municipaes — Caicó, Acary, Jardim do Seridó, Serra Negra, Curraes Novos, Flores, Parelhas, Jacurutú, a primeira das quaes, o Caicó, compreendendo então todas as outras, teve a sua autonomia official em 31 de julho de 1788.

Thomas de Araujo Pereira, Caetano Dantas Correia, Cypriano Lopes Galvão, todos os povoadores iniciaes do Seridó, troncos das tradicionaes familias que ainda hoje vivem na região, em que trabalham e a que servem, foram criadores de gado, opulentos fazendeiros, proprietarios de grandes rebanhos.

O gado foi desse modo, ao começar o povoamento da terra seridoense, o elemento economico fundamental, a fonte de riqueza natural asseguradora das condições de vida, a offerecer perspectivas de exploração commercial, o principio de todo o processo da história do Seridó, para servir-me da terminologia de Zum Felde.

E a prepoderancia do gado em toda a economia do Seridó durou mais de um seculo, pois ainda nos albores do seculo XIX, em cinco productos de exportação, quatro sahiam directamente da pecuaria.

Há um documento da epoca que o attesta irrecusavelmente.

É o "Mappa dos preços correntes na parochia da Villa

do Principe no mez de janeiro do anno de 1802", organizado pelo capitão mor de Ordenanças Cypriano Lopes Galvão, fundador de Curraes Novos, do qual se verifica que tudo quanto o Seridó exportava naquela época, salvo o algodão, cuja cultura se esboçava, derivava exclusivamente da pecuaria: a sola, o couro miudo, os bois, os cavallos.

O gado era assim, pode dizer-se, o suporte quase exclusivo, o alicerce de toda a vida economica, com inevitaveis reflexos na vida collectiva, criando typos sociaes, como o vaqueiro, de significação marcante no periodo historico a que me reporto.

ARAUJO PEREIRA

Entre as familias que povoaram o Seridó, e ahi se fixaram, a familia Araujo. senão é a mais antiga, é das mais antigas, e certamente a que mais proliferou, sendo hoje a mais numerosa dentre quantas se encontram radicadas naquelle trecho do territorio norte-riograndense.

Não é exagero affirmar que raro será o seridoense que não tenha sangue de Araujo.

O fundador da familia no Seridó foi, ha mais de dois seculos, Thomaz de Araujo Pereira, casado com Maria da Conceição Mendonça, (1) rezando a tradição, não sei com que fundamento, que Thomaz era protuguez (2) e Maria da Conceição bahiana, filha de Cosme Soares de Britto e Magdalena de Castro. (3) Já em 1734 Thomaz de Araujo Pereira pedia e obtinha uma data de terras no Seridó, para fundação de uma fazenda de gados, data que foi concedida na Capitania da Parayba, no governo de Francisco Pedro de Mendonça Gurjão.

A data de terra é a que vem transcripta no livro de João de Lyra Tavares, (4), sob o numero 238, de 23 de maio de 1734, nos seguintes termos:

"Thomaz de Araujo Pereira, não tendo commodos

para crear seus gados, descobriu a custa de seu trabalho um riacho chamado Juazeiro que nasce por detraz da serra da Rajada, que desagôa para o rio da Cauhã e faz barra na ponta da varzea do Pico, em cujo riacho e suas bandas tem terras devolutas e nunca cultivadas; terrenos em que pede tres leguas de cumprimento e uma de largura, pegando das testadas do sargento-mor Simão de Gois pelo rio acima, ficando o dito rio em meio da dita largura."

Encontro referencia a um outro Araujo, o coronel Domingos de Araujo Pereira, pedindo terras ao governo do Rio Grande do Norte, em 1738, no Rio do Meio, riacho do Canivete, poço do Jurupary.

Desse Domingos de Araujo Pereira não descubro, porem, outros vestigios e não sei mesmo se era parente de Thomaz e, no caso affirmativo, qual o grau do parentesco.

Quanto a Tomaz de Araujo Pereira sabe-se que fundou a sua fazenda de gados, á qual deu o nome de "São Pedro" e na qual viveu e creou os seus filhos, em numero de 8; 4 homens e 4 mulheres. Os homens foram Thomaz de Araujo Pereira (2.º), João Damasceno Pereira, Cosme Soares Pereira e José de Araujo Pereira. As mulheres: Josepha, Joanna, Anna e Helena. A primeira casou com Caetano Dantas Correia, Joanna casou em primeira nupcias com Gregorio José Dantas Correira e em segundas nupcias com Estevão Alvares Bezerra, Anna casou com Antonio Paes de Bulhões e Helena com João Garcia.

Thomaz de Araujo Pereira Filho casou com uma filha de Rodrigo de Medeiros e Apolonia Barbosa, de nome

Thereza, e teve por sua vez prole numerosa: 8 filhos varões e 4 do sexo feminino, e chamaram-se Thomaz de Araujo Pereira (o 3.º) Rodrigo, Antonio, Manuel, Beraldo, Phelippe, Alexandre, Joaquim, Luzia, Thereza, Anna e Josepha.

Dos filhos do segundo Thomaz de Araujo o que mais destacada situação alcançou foi o que lhe herdou o nome, o qual exerceu por largo espaço de tempo prestigiosa influencia social e politica na região do seu nascimento, estendendo-a mesmo, por vezes, a todo o Rio Grande do Norte.

Thomaz de Araujo Pereira, (o terceiro), era homem de pequena cultura, mas de grande acuidade intelectual e de rija tempera e severos costumes. Alem do mais, as suas condições de familia deram-lhe um grande relevo na zona em que residiu. Sobrinho afim de coronel Caetano Dantas Correia; sobrinho legitimo do capitão-mor Manoel de Medeiros Rocha; genro do coronel Antonio Garcia de Sá Barroso; filho e neto dos dois primeiros Thomaz de Araujo que foram prestigiosos elementos sociaes seridoenses, Tomaz de Araujo estava naturalmente destinado a ser, como foi realmente, o herdeiro e depositario maximo da força e da consideração social de sua familia, transmitidas atravez das gerações por varões do maior respeito.

Teve, ao demais, de exercer a sua actividade na epoca em que o Seridó começava a apparecer nos concilios governamentaes do Rio Grande do Norte.

Já em 1821, antes mesmo da Independencia do Bra-

sil, seu tio Manoel de Medeiros Rocha, era eleito para a Junta Provisoria de Governo.

No começo de 1822 nova Junta é eleita e a ella pertenceu Thomaz de Araujo, que, desde então, passou a ser no governo o representante do Seridó, ao envez de seu tio, que assim cedia o posto ao sobrinho de confiança e estimação.

Proclamada a Independencia do Brasil, ao ter de escolher o homem a quem devia ser confiada a tarefa maior do governo, o Imperador não hesitou na designação de Thomaz de Araujo Pereira, e fê-lo nos seguintes termos:

"Carta Imperial — 25 de Novembro de 1823 — N.º 168

Thomaz de Araujo Pereira: Eu, o Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, vos Envio muito saudar. Tendo consideração aos vossos distintos merecimentos, patriotismo, dedicação á Sagrada Causa deste Imperio, e mais qualidades recomendaveis que concorrem na vossa pessoa e que vos constituem digno d'esta Minha Imperial Contemplação; Hei por bem Nomear-vos Presidente para a Provincia do Rio Grande do Norte em virtude da Carta de lei de vinte de Outubro do corrente anno, de cujo Logar tomareis posse com as formalidades que se achão estabelecidas, a qual vos será dada pelo actual Governo Provisorio, que desde então não continuará as suas sessões; recebendo d'ella e da Camara da Capital as noticias que forem convenientes ao Serviço Nacional; e procedereis immediatamente á eleição do Conselho da Provincia na forma determinada na mesma carta de Lei; cuja fidedigna observancia fareis manter para pros-

peridade dos povos que vos são confiados. O que me pareceu participar-vos para vossa intelligencia e execução. Escripto no Palacio do Rio de Janeiro, em vinte e cinco de Novembro de mil oitocentos e vinte e tres, segundo da Independencia, e do Imperio.

Imperador

João Severiano Maciel da Costa.

Para Thomaz de Araujo Pereira.

Cumpra-se como S. Magestade Imperial Manda, e registre-se na Secretaria deste governo, na Camara desta cidade, e na Secretaria da Junta de Fazenda Publica.

Quartel do Governo da Cidade de Natal, 5 de Maio de 1824, 3.º da Independencia, e do Imperio.

Prze. Pera.

Thomaz de Araujo recebeu a nomeação sem o menor enthusiasmo.

Protelou emquanto poude a sua posse, que só se realizou a 5 de Maio de 1824, quasi 6 mezes após a sua nomeação, dirigindo-se immediatamente ao Imperador para solicitar-lhe demissão do cargo, allegando, são palavras suas, *ponderosos motivos que o inhibião pa. desempenhar hua comissão de tanto melindre,* e esses motivos eram, alem de outros, a sua *avansada idade, cegueira, e infermidades chronicas.*

Em taes condições, reputava-se o menos indicado para uma tarefa de tão grandes responsabilidades, mormente tendo-se em consideração o estado de desordem em que se debatia a Provincia, em cuja Capital a tropa de

linha sublevava-se continuamente em tumultos, ora contra o elemento portuguez, ora sob outros fundamentos.

Por outro lado, surgiam, por essa mesma epoca, fermentos revolucionarios que se canalisaram afinal no grande movimento civico que se chamou a Confederação do Equador e que envolveu todas as provincias Nordestinas, entre ellas o Rio Grande do Norte.

Na impossibilidade de por ordem no cháos que era então o Rio Grande do Norte, Thomaz de Araujo demittiu-se a 8 de Setembro de 1824, passando o governo a Lourenço José de Moraes Navarro, Presidente da Camara do Senado de Natal.

O sucessor de Thomaz de Araujo entrou desde logo, como é commum na hora das quedas politicas, a fazer pesada carga contra o seu antecessor, acusando-o sobretudo do crime de connivencia com os elementos revolucionarios, e assim de trahição á causa do Imperio e á pessoa do Imperador.

Ha hoje publicada farta documentação a respeito desse incidente da vida politica potiguar, de modo que facil será ao historiador, isento de paixões, fazer o julgamento sereno e imparcial das figuras que tiveram papel de relevo e desempenhar naquella emergencia.

A defesa de Thomaz de Araujo, por elle mesmo escripta em sua fazenda Mulungú, do municipio da Villa do Principe, e enviada ao Imperador em 13 de Novembro de 1824, parece-me cabal e completa. (5)

A sua acção, ao que se evidencia, foi toda norteada no sentido de *conservar aqla. porção do Povo qe. S.*

M. lhe Havia confiado, illeso de divergencias politicas, e evitar a menor intriga, e querra civil.

O seu papel foi assim de conciliação, attitude que nunca os contemporaneos justificam, mormente nas horas de acesas e acerbas lutas politicas, em que só são compreendidos e apreciados os elementos radicaes e extremados.

Para mim, Thomaz de Araujo Pereira, em toda a sua vida homem de uma só palavra e de posições definidas, tendo como elle mesmo disse, *jurado espontaneamente o Projecto de Constituição, e convencido ao Mundo inteiro a sua subordinação ás Leis e fidelide. ao seu Soberano, jamais se deixára levar da impetuosa corrente de opinions Republicanas, Anarquicas, e subversivas da obediencia e bôa ordem, em hua idade sexagenaria, q.do já olha a cada instante mentalm.e para a sepultura; adoptando principios diametralm.e oppostos á educação com q.e foi creado e mantido.*

Ficou desse modo fiel ao Imperador e ao Poder Constituido, não tendo praticado um só acto do qual pudesse se inferir adhesão á causa revolucionaria, mesmo que sentisse pelos que a encarnavam intimas inclinações, perfeitamente compreensiveis, dados os laços de parentesco proximo que o prendiam a figuras da maior graduação á frente do movimento ou por elle revelando sympathias e manifestando applausos.

Felix Antonio, o Governador revolucionario da Parahyba, era casado com uma sua prima; o coronel Antonio Bezerra de Souza Menezes, Governador das armas

no movimento do Ceará, era tio avô dos dois Cyprianos, um Lopes e outro Bezerra Galvão, casados com duas netas de Tomaz de Araujo; o capitão-mor Manoel de Medeiros Rocha, tio de Thomaz de Araujo, acolheu frei Caneca no Seridó, com as mostras da maior deferencia.

Via, assim, Thomaz de Araujo muitos e destacados membros de sua familia inclinados para a revolução ou dela participando activamente.

Mas nem por isso faltou a fé dos seus compromissos publicos; e a sua palavra foi sempre de condemnação á causa revolucionaria.

Nesse passo, Thomaz de Araujo diz que não duvida haver *commettido infinitos erros pr· falta de luzes e do legitimo Conselho, mas só poderão ser estes erros de intendimento, e não de vontade.*

O que não quiz foi fazer obra de perseguição aos adversarios vencidos, entendendo poder defender os direitos do Imperador, á cuja causa se consagrara por juramento publico, *"sem hostilisar os seos subditos."*

O certo é que Thomaz de Araujo, não obstante a catilinaria do seu sucessor, deixára o poder sem desmerecer da confiança dos seus conterraneos, afirmando Rocha Pombo que com elle *"estaria talvez a grande maioria da Provincia."* (6)

Retornando ao seu retiro do Seridó, para a direcção das suas fazendas e o trato dos seus rebanhos, o ex-presidente continuou a ser, a despeito do seu voluntario alheiamento das coisas publicas, a autoridade social ouvida e consultada em todas as horas difficeis atravessadas pelas populações seridoenses, as quaes, emquanto elle viveu,

jamais deixaram de se soccorrer das luzes da sua experiencia, prudencia, bom senso, moderação.

Viveu ainda mais de 20 annos, pois o seu fallecimento occorreu a 19 de Março de 1847, na Villa, hoje cidade do Acary, sendo sepultado na Matriz de então, agora Igreja do Rosario, no dia seguinte, conforme o registro existente no livro de assentamento daquelle templo catholico, concebido nestes termos: "Aos vinte de Maio de mil oitocentos e quarenta e sete foi sepultado nesta Matriz de grades acima o cadaver de Thomaz de Araujo Pereira, fallecido de indigestão na idade de oitenta e dois annos, casado que foi com Thereza de Jesus, (7) com todos os Sacramentos, envolto em habito preto e encommendado por mim, do que para constar mandei fazer este assento em que me assigno.

Vigario Thomaz Per. de Araujo. (8)

1) O coronel Manoel Maria do Nascimento Silva, descendente de Thomaz de Araujo e Caetano Dantas, em trabalho genealogico, que escreveu em 1909, hoje em meu poder, diz que, "morrendo Maria da Conceição, Thomaz casou segunda vez na Parahyba, e tendo nascido um filho do segundo casamento, foi creado na Fazenda "Picos", do Acary, sendo tratado pelo apelido de "Parahyba". Foi pae de Manoel de Araujo e este de Miguel de Araujo, que residiu no logar Boqueirão."

2) Tomaz de Araujo Pereira seria realmente portuguez, como reza a tradição, no Seridó, ou teria nascido já no Brasil, descendendo de Amador de Araujo Pereira, que é o tronco da familia em Pernambuco?

Vale a pena transcrever a noticia que a respeito de Amador refere Borges da Fonseca na "Nobiliarchia Pernambucana": "Amador de Araujo Pereira é, em Pernambuco, o tronco da familia do seu apelido. Delle fazem honorifica memoria os Autores que escreveram a guerra dos Holandezes, na qual foi eleito capitão-mor de Ipojuca, quando João Fernandes Vieira, em 1645, aclamou a liberdade e procedeu com tanta honra que Sua Magestade em attenção aos seus serviços o nomeou governador de São Thomé, posto que não logrou, por fallecer quando estava para embarcar. Foi natural da Provincia do Minho, onde seus paes Pedro Gonçalves, o novo, e Phelippa de Araujo Pereira, parentaram em gráo muito proximo com a casa do Esquivo e com a de D. Miguel de Azevedo e de Luiz de Miranda Pereira, com cujos parentes conservou sempre communicação, como se prova das cartas que conservam seus descendentes. Veio a Pernambuco antes da entrada dos Hollandezes e casou na freguesia de Ipojuca com D. Maria da Costa de Luna, filha de Alvaro Gonçalves de Luna e de sua mulher Izabel da Costa, pessoas principais da mesma freguesia." (Borges da Fonseca, Vol. 1.º, pags. 28 e 436).

3) Nas notas do coronel Manoel Maria do Nascimento e Silva ha a affirmação de que Maria da Conceição é parahybana. Phelippe Guerra, porem, diz que Cosme Soares de Britto, casou-se na Bahia com Magdalena de Castro e que a filha do casal de nome Maria da Conceição é bahiana, casada com o portuguez Thomaz de Araujo Pereira; e Urbino Vianna, no livro "Bandeiras e Sertanistas Bahianos", enumera entre os fazendeiros de gado

anteriores a 1664, no baixo S. Francisco, o capitão *Cosme de Britto*. Será o marido de Magdalena de Castro e sogro de Thomaz de Araujo?

Tambem nas "Publicações do Archivo Nacional", Vol. XXVII, pag. 48, apparece um *Thomaz de Araujo*, como tendo vendido terras a Antonio de Mello Cabral, nas immediações do Rio Sergipe. Será o marido de Maria da Conceição, o patriacha seridoense? Será outro Thomaz de Araujo?

(4) João de Lyra Tavares — Historia Territorial da Paralyba, Vol. I, pag. 145.

(5) Publicações do Archivo Nacional, Vol. XXV, pags. 329, 330 e 331.

(6) Rocha Pombo — "Historia do Estado do Rio Grande do Norte", pags. 303 e 304.

(7) Filha do coronel Antonio Garcia de Sá Barrozo e D. Anna Lins de Vasconcellos.

(8) Neto de Thomaz de Araujo, o Presidente.

DANTAS CORREIA

O tronco da familia Dantas é, no Seridó, Caetano Dantas Correia, que se fixou na fazenda "Picos de Cima", no Acary, e chegou ao sertão como vaqueiro de um seu irmão.

Sabe-se, com segurança, que Caetano era filho de José Dantas Correia e Izabel da Rocha Meirelles, ella parahybana e elle, a acreditar na tradição, portuguez, senhor do engenho Fragoso, nas proximidades do Recife, casados em 1710. (1)

Sabe-se ainda que Caetano teve varios irmãos varões, entre elles Gregorio José Dantas Correia, que casou com Joanna, irmã de Josepha de Araujo Pereira, filhas ambas de Thomaz de Araujo Pereira e Maria da Conceição Mendonça, Antonio Dantas Correia que casou com Mariana Monteiro da Silva (2), casamento em 1739, e que ficou no Engenho Fragoso; Frutuoso José Dantas que residiu em Piranhas; e José Dantas Correia, de quem descende a familia Dantas que se situou na Serra do Teixeira, na Parahyba.

Encontro tambem referencias a Sebastião Dantas Correia, não sei se irmão de Caetano, o qual, em 1745, obteve

uma data de terra na Capitania do Rio Grande. (3) Em notas em poder do Dr. Phelippe Guerra ha ainda noticia de Estevão José Dantas, irmão ou parente de Caetano e de quem descendem os Dantas de São José de Mipibú.

Outros documentos antigos referem-se a varios Dantas Correia, entre elles Albino Custodio Dantas Correia, que, com Gregorio Dantas, pedia e obtinha terras na Malhada Grande, no Apody, no anno de 1778; (4); Antonio Jacome Dantas Correia, que pedia uma concessão de terras em 1799, junto á Barra do Pitanguy, allegando que seu avô materno tinha a posse dellas ha 80 annos; (5) Alexandre Dantas Correia, que em 1777, com sua mulher Maria Lureana de Jesus vendia uma propriedade nas cabeceiras do Rio Seridó, a Braz de Oliveira Ledo; (6); José Dantas Correia que em 12 de janeiro de 1788, pertencia ao Senado da Camara de Natal; (7) e João Firmino Dantas Correia, que pedia e obtinha terras, em 1811, no rio Choró, Aquiraz, Ceará. (8)

Ignoro que relações de proximo ou remoto parentesco havia entre esses varios Dantas Correia e Caetano Dantas que é o ponto de partida da familia nas plagas seridoenses.

Entre os descendentes de Antonio Dantas Correia, o irmão de Caetano, que ficou em Pernambuco, no engenho Fragoso, a um devo fazer referencia especial: o coronel Felismino do Rego Dantas de Noronha, que residiu em Ceará mirim, no Rio Grande do Norte, fruindo grande influencia social e politica e caracterizando-se pela firmeza das attitudes e inflexibilidade de caracter.

Falleceu octogenario, e exerceu sempre varios car-

gos de eleição, entre elles a deputação estadual, revelando-se invariavelmente homem de severa conducta e nobre proceder.

De José Dantas Correira, o chefe da familia Dantas no Teixeira, ha descendencia illustre, e cabe destacar o dr. Manoel Dantas Correia de Goes, antigo politico parahybano, representante da Parahyba no Parlamento Nacional e homem de consideravel prestigio.

O Rio da Carnahuba, hoje com prospera povoação e uma capella consagrada a São José, no Municipio do Acary, foi todo elle povoado por descendentes de Caetano Dantas Correia, a quem se deve tambem a fundação de Cuité, na Parahyba, cuja capella, dedicada a N. S. das Mercês, resultou de iniciativa sua, conforme se verifica de escriptura de doação que, em 17 de julho de 1768, com sua mulher Josepha de Araujo Pereira, fez passar de meia legua de terra para constituição do patrimonio necessario á construção da referida Capella.

Eis a escriptura nos seus proprios termos originaes:

"Freguesia do Cuité — 17 de Julho de 1768 — Escritura de doação para patrimonio que fazem o Capitão-mor, digo fazem o Tte. Cel. Caetano Dantas Correia e Mer. D. Josefa de Aro. Pera. de meya legoa de terra na serra chamada Coyté da freg. da Senhora Sant' Anna do Seridó para a Capella que na ditta serra pretendem erigir com a invocação Nossa Senhora das Mercês.

Saibam quantos este publico instrumento de escritura de doação para patrimonio da Capella que se ha de erigir com a invocação de Nossa Senhora das Mercês na serra do Coyté ou como em direito para a sua realidade melhor

nome haja virem que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e sessenta e oito aos dezessete dias do mês de Julho do dito anno nesta Povoação de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó Capitania da Paraiba do Norte no meu escritorio appareceram partes presentes e outorgantes a saber o Tenente Coronl Caetano Dantas Correia e sua mulher D. Josefa de Araujo Pereira moradores na sua fazenda dos Picos de Cima Ribeira do Seridó que vivem de seus gados de mim reconhecidos pelos proprios de que se tratta e logo por elles ambos e cada um in solidum me foy ditto em presença das testemunhas adiante nomeiadas e assignadas que elles entre outros mais bens de raiz que possuiam e estavam de mansa e pacifica posse era bem assim uma parte de terras lavradas na serra chamada do Coyté aonde pretendiam erigir uma capella com a invocação Nossa Senhora das Mercês para patrimonio da qual disseram que doavam como de facto logo o doaram deste dia para sempre meya legoa de terra no lugar aonde for erigida a ditta capella principiando, a ditta terra doada do Olho de Agoa chamado Coyté correndo para a parte do Norte meya legoa de cumprido e hua de largo a qual doação disseram fasiam do seu motu proprio sem o constrangimento de pessoa algua mas que tão somente movidos de superiores impulsos e intensa devoção e que demettiam de si toda a posse e dominio que na ditta terra doada unham concediam e traspassavam na pessoa a quem diretamente pertença a administração da ditta capella e seus bens e della poderão tomar posse por sy ou por autoridade de justiça e quer a tomem quer não desde logo o ham por empossado nella

como posse real, actual, o corporal civil e natural pella clausula *constituti* e que contra este instrumento não viriam em tempo algum com duvidas ou embargos e vindo não queriam ser ouvidos em juizo nem fora delle antes eram contentes lhes fosse negado todo o recurso e acção que a seu favor allegar podessem e a Ley de Veliano que faz a favor das mulheres que de nada queriam usar senão ter e manter esta escritura e doação por elles feita na forma que nella se contem e declara a cuja firmesa disseram obrigavam suas pessoas e bens moveis e de raiz presentes e futuros em fé e testemunho de verdade assim o disseram o outorgaram e pediram fosse feito este instrumento nesta nota que eu Tabellião estipuley e acceitey em nome da ausente a que o favor desta possa tocar sendo a tudo presente por testemunhas que com o doador assignaram o Capitão João Dantas Rothéa e João Gaya da Rocha, moradores na Ribeira do Rio do Peixe que vivem de seus gados e pella Doadora não saber ler e escrever assignou a seu rogo o Tenente Luiz Pereira Bolcão morador na Ribeira do Seridó e esta a lavrey por me ser distribuida pello juiz Ordinario, por seu bilhete. Eu Antonio Gonsalves Reys Lisboa o escrevi." (9)

Cuité, na Paralyba, deve assim a sua fundação a Caetano Dantas Correia, de quem um genro, Antonio de Azevedo Maia Junior, casado com sua filha Michaela Dantas Pereira, foi, por sua vez, o patriarca e fundador, no Rio Grande do Norte, de Jardim do Seridó, a antiga "Conceição do *Azevedo*." (10)

Caetano Dantas Correia e Josepha de Araujo Pereira tiveram filhos, dos quaes, através mais de um seculo

de evolução, tem resultado uma descendencia de alguns milhares de individuos.

Eis os filhos de Caetano Dantas — Josepha de Araujo:

1) Simplicio Francisco Dantas, que se casou tres vezes — a 1.ª com Manoela Dornelles Bentancor, filha de Antonio Garcia de Sá Barroso, a 2.ª com uma filha de João Chrisostomo de Medeiros, e a 3.ª com Rita, filha de José Ferreira e Joanna Lins;

2) Gregorio José Dantas;

3) Antonio Dantas Correia;

4) Caetano Dantas Correira (2.º), casado com Luzia, filha de Sebastião Medeiros e Antonia de Moraes;

5) Manoel Antonio Dantas Correira, casado com Maria José de Medeiros, filha de Manoel Alves da Nobrega;

6) Felix Dantas, casado com Francisca, filha de Manoel da Annunciação Lyra;

7) Alexandre Dantas, casado com Joanna, filha de Francisco Gomes;

8) Silvestre Dantas Correia, casado com Margarida, filha de João Damasceno Pereira;

9) Clemencia;

10) Josepha, casada com Antonio Ferreira;

11) Francisca Xavier, casada com João Crisostomo de Medeiros;

12) Michaela Dantas Pereira, casada com Antonio de Azevedo Maia Junior;

13) Maria, casado com o capitão-mor Francisco Gomes da Silva;

14) Maximiana, casada com Luiz Joaquim;
15) Anna, casada com Antonio Thomaz;
16) Izabel, casada com João Phelippe da Silva;
17) José Antonio Dantas. (17)

Caetano Dantas Correira falleceu a 19 de julho de 1797, (12) na sua fazenda Picos de Cima, no Acary, e tinha então 87 annos de idade. Sua viuva, Josepha de Araujo Pereira falleceu, com 77 annos de idade, a 18 de junho de 1816. (13) A morte de Josepha occorreu no Acary, *morte apressada,* diz o registro de obito.

Caetano era mais velho do que Josepha 29 annos.

Entre os descendentes do casal Caetano Dantas-Josepha de Araujo, alguns desempenharam papel de relevo, quer na zona do Seridó, quer em outros pontos do Estado: — Manoel Francisco Dantas foi um homem de rara energia; o dr. Bartholomeu Leopoldino Dantas e o professor Antonio Justino Dantas, tiveram realce na vida politica e foram deputados á Assemblea Provincial; o dr. Manoel Gomes de Medeiros Dantas, jornalista, professor, advogado, jurista, politico de grande significação no Rio Grande do Norte, em cuja Capital falleceu como Prefeito em junho de 1924; o dr. João Valentino Dantas Pinage chegou a presidir a Provincia.

(1) Nota que me foi fornecida pelo coronel Jonathas da Costa Rego Monteiro, hoje fallecido.

(2) Borges da Fonseca — "Nobiliarchia Pernambucana", Vol. I, pag. 79, escreveu Marianna Monteiro da

Silva, mas o coronel Jonathas Monteiro, genealogista illustre, substituia o *Silva* por *Lima*.

(3) Datas de Sesmaria — Instit. Historico e Geographico do Rio Grande do Norte — Liv. 4, pag. 220.

(4) Idem, idem. Liv. 6, pag. 45.

(5) Idem, idem.

(6) João de Lyra Tavares — Hist. Territorial da Parahyba — Vol. I, pag. 514.

(7) Rev. do Instit. Hist. e Greographico do Rio Grande do Norte..

(8) Datas de Sesmaria do Estado do Ceará, Vol. 8, pag. 225.

(9) Documento transcripto pelo historiador parahybano, Coriolano de Medeiros, na Revista G. E. G. H. P.

(10) Ha um municipio do Estado do Piauhy, Piracuruca, que deve a sua fundação a membros da familia Dantas. O caso é assim narrado por Anizio de Britto — "O Municipio de Piracuruca", pags. 4 a 7:

"Dois portuguezes — Manoel Dantas Correira e José Dantas Correia, em principios do seculo XVII, se internaram nos sertões piauhyenses, explorando o vasto territorio da então capitania, ainda sem autonomia. Riquissimos, os dois aventureiros, depois de muito andarem e sem que receiassem perigos sem conta, que lhes poderiam sobrevir, cahiram inesperadamente em mãos dos selvagens que os aprisionaram. Eram indios anthropophagos, habitantes do litoral, e, logo, os dois prisioneiros consideraram sobre a miseravel sorte a que eram destinados, prisioneiros que estavam, daquelles barbaros. Na emergencia, dese-

nhando-se-lhes na imaginação o momento lugubre em que iriam servir de repasto, sem outro recurso para rehaver a suspirada liberdade, volveram-se aos braços consoladores e, ás vezes, infalliveis, da fé: fizeram um voto a N. S. do Carmo de lhe mandarem construir magestoso templo, naquelle local, onde se achavam prisioneiros, si a excelsa virgem lhes salvasse a vida.

"A virgem operou o milagre: recuperaram a liberdade os irmãos Dantas. E a construção do templo teve inicio em 1745, sendo a mais sumptuosa, mais bella, mais bem construida e mais esthetica do Piauhy.

"A igreja mede 39 metros de extensão sobre 18 de largura, e é toda armada, tanto interna como externamente, de elegantes columnatas de pedras lavradas, que formam, na entrada, um bello peristyllo. Constando de tres capellas e cinco altares, elegante e artisticamente dispostos, primando pela escultura, pintura e obras de talha, notam-se ainda muitos outros objectos custosos e de subido merecimento artistico, como a pia baptismal, o pulpito, um lavatorio de marmore, alampadas de prata e outros objectos e paramentos dignos de nota.

"Os irmãos Dantas não pouparam despesas nem sacrificios, na construção de tão bello monumento, e, por sua morte, legaram todos os seus bens para o patrimonio da igreja, ainda hoje riquissimo e avultado."

"São as seguintes as fazendas com as respectivas propriedades em uma extensão de 12 1|2 leguas, doadas pelos irmãos Dantas a N. S. do Carmo: Monte, Macambira, Curral dos Cavallos, Veados, Perús, Boqueirão, Pitombeira e Batalha".

Ha engano do historiador quando affirma que os *irmãos Dantas legaram todos os seus bens para o patrimonio da igreja.*

O legado foi feito por um só, Manoel Dantas Correia, conforme prova esta certidão, constante do proprio trabalho de Britto:

"O Conego Antonio Rodrigues Sodré, Escrivão da Camara Ecclesiastica do Bispado de Sam Luiz do Maranhão.

Certifico de ordem de S. Ex. Revma. o Sr. Bispo Diocesano que entre varios documentos existentes no cartorio á meu cargo, relativos á parochia de Piracuruca, Estado do Piauhy, se encontra a certidão do theor seguinte: "Domingos de Freitas Caldas, Escrivão do Publico Judicial e notas e mais annexos nesta Villa de São João da Parnaiba e seu Termo, por Provisão do Illm. Sr. Governador desta Capitania, &.

"Certifico que revendo o livro de Registro dos Testamentos dos que fallecem nesta Freguezia e Termo, nelle achei Registrado o Solene Testamento com que faleceo na Matriz da Piracuruca Manoel Dantas Correia e no mesmo a folhas desasseis verso a Verba de que o requerimento retro faz mensão, a qual lhe dá maneira e theor seguite: "Declaro que pagas as minhas dividas e satisfeitos meus legados, declaro que nomeio e instituo por minha universal herdeira de todo o restante de meus bens assim moventes, como semoventes, a Virgem Nossa Senhora do Monte do Carmo, desta Freguesia de Piracuruca, Capitania do Piauhy deste Bispado do Maranhão, com obrigação de se dizerem todos os annos na sua Ma-

triz duas Capellas de Missas por minha alma, e o anno para esta obrigação terá seu principio no dia da minha morte, e quero que para se dizerem prefira sempre o Parocho da Freguesia. Declaro que as duas fazendas Viado e Boqueirão se conservem sempre com o meu ferro e signal e que tenhão o Titullo de Fazendas de Nossa Senhora do Monte do Carmo minha universal herdeira como dito tenho e he minha vontade. E nada mais se continha em ditas verbas Testamentarias que bem e fielmente a qui certifiquei do proprio Testamento que se acha registrado no inum Livro de vistos, (sic) que se acha em meu poder e cartorio, ao qual me reporto em todo e por todo e vai certificado na verdade, sem cousa que duvida faça, pois com as mesmas verbas esta certidão conferi, concertei e assinei nesta Villa de Sam João da Parnaiba, aos quatro dias do mez de Janeiro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e oitocentos annos: Em fé da verdade. — O Escrivão Domingos de Freitas Caldas, — "D. 243" — B. 240 "Cons. 80 — Lopes — E nada mais se continha na referida certidão e ao original me reporto. O referido é verdade e dou fé. Camara Ecclesiastica do Bispado de Sam Luiz do Maranhão, 16 de Setembro de 1896. E eu o Conego Antonio Rodrigues Sodré, Escrivão, a escrevi e assignei. — Conego Antonio Rodrigues Sodré."

O que parece certo é que apenas Manoel Dantas Correia ficára em Piracuruca, tendo José Dantas se retirado. Seria este o José Dantas Correia, casado com Izabel da Rocha Meirelles, casal de quem descendem os Dantas no Seridó, Rio Grande do Norte, e no Teixeira, Pa-

rahyba? Ou seria, como parece mais provavel, o irmão de Caetano, que se localisou posteriormente no Teixeira? A ser esta a hypothese verdadeira, Manoel e José Dantas Correia não eram Portuguezes e sim filhos do portuguez José Dantas Correia, casado no Brasil, em 1710, com Izabel da Rocha Meirelles.

(11) Notas deixadas pelo coronel Manoel Maria do Nascimento e Silva, e outras publicadas por Paulino Alberto Dantas, no "Parelhense" de 17-7-1927. Ambos descendem de Caetano Dantas e Josepha de Araujo.

(12) Livro de Registro de Obitos da Matriz de Caicó — Rio Grande do Norte.

(13) Idem, idem.

AZEVEDO MAIA

O primeiro membro da familia Azevedo Maia que foi para o Seridó foi Antonio de Azevedo Maia, casado com Josepha de Almeida, o qual fundou fazenda de criação de gados em terras do actual municipio de Jardim do Seridó.

Viveu por muito tempo, vindo a fallecer em 28 de novembro de 1796, aos 90 annos de idade.

Um dos seus filhos, Antonio de Azevedo Maia Junior, casado com uma filha de Caetano Dantas Correia e Josepha de Araujo Pereira, de nome Michaela Dantas Pereira, deixou traços do seu espirito progressista e de sua influencia benefica, tendo fundado uma povoação, Conceição do Azevedo, para cujo patrimonio e construção de uma capella dedicada a N. S. da Conceição doou os terrenos necessarios.

Conceição do Azevedo é hoje uma das melhores e mais formosas cidades seridoenses: — Jardim do Seridó.

Ao fallecer Michaela em 23 de Maio de 1799, Antonio de Azevedo ficou com 13 filhos, conforme se verifica do inventario existente no cartorio de Jardim do Seridó: João Dantas de Azevedo, com 30 annos de idade;

José de Azevedo, com 23 annos; Antonio de Azevedo, com 44 annos; Francisco de Azevedo; Joaquim de Azevedo, Caetano de Azevedo, Joanna, Maria, Francisca, Anna, Antonia, Josepha e Izabel. (1)

João Dantas de Azevedo casou com Rosa Maria dos Santos, em 21 de setembro de 1791; Izabel Maria casou com José Tavares dos Santos; Josepha Maria com João Marques; Antonia com Manoel Salvador de Vasconcellos; Anna Rosa com José Soares de Vasconcellos; Francisca com Manoel Martins de Medeiros; Maria Marcelina como João Baptista dos Santos; Joanna com Manoel José da Cunha, tronco da familia Cunha; e Antonio de Azevedo Maia, (o 3.º do nome), conhecido por Antonio Padre, por haver sido vaqueiro do padre Cosme Leite de Oliveira, casou com Urusula Leite de Oliveira, irmã do referido sacerdote e filha do valle do Jaguaribe, no Estado do Ceará.

O segundo Azevedo Maia, o precursor de Jardim do Seridó, não se conservou viuvo por muito tempo, tendo contrahido novas nupcias com Maria José de Santanna, que lhe sobreviveu, e de quem teve filhos. (2)

O fallecimento de Antonio de Azevedo, (o 2.º) occorreu a 1.º de maio de 1822, e o seu sepultamento verificou-se no cemiterio publico da então povoação de Conceição de Azevedo.

A familia Azevedo Maia tem dado ao Seridó muitos filhos de grande projeção na politica, na vida economica e na sociedade.

Nenhum, até hoje, porem, excedeu em dedicação á causa publica ao coronel Felinto Elisio de Oliveira Aze-

vedo, bisneto do patriarca de Jardim do Seridó. neto do terceiro Antonio de Azevedo Maia, (Antonio Padre), e nascido em 29 de novembro de 1852.

Politico militante durante mais de cincoenta annos, chefe de prestigio muito grande no municipio que lhe serviu de berço, (Jardim), Felinto Elisio representantou a sua terra em diversas legislaturas na Assembléa Provincial, durante o regimem monarchico, continuando na Republica a receber do povo a delegação de confiança, em face da qual foi por vezes guindado á presidencia do Congresso do Estado.

Tambem por duas vezes occupou interinamente o governo do Rio Grande do Norte.

Pode dizer-se sem exagero que, ha muitos decenios, Felinto Elisio tem participado como elemento de consulta e decisão de todos os factos de saliencia na vida politica da terra potiguar.

A sua palavra foi sempre ouvida e o seu conselho, indefectivelmente prudente e patriotico, sempre acatado e seguido.

Prestigioso, leal, digno na vida publica, irrepreensivel na vida domestica, Felinto Elisio é bem, na hora que passa, e por unanime aclamação, o verdadeiro e legitimo patriacha do Seridó.

(1) Cartorio de Jardim do Seridó.

(2) Frei Caneca na sua narrativa da travessia pelo Seridó em 1824 faz elogiosas referencia a d. Maria José.

BAPTISTA

Durante bôa parte do periodo monarchico e começos do regimen republicano, a vida politica do Caicó, o mais antigo e importante municipio do Seridó, movimentou-se e agitou-se numa luta continúa, num antagonismo intransponivel entre as familias Medeiros e Baptista. Não obstante os laços de parentesco existentes entre os representantes de ambas, por largo espaço de tempo ellas não conseguiram entender-se no que se referia á vida partidaria.

Os Baptista sempre foram do partido contrario ao que os Medeiros representavam e incarnavam.

Eram, entretanto, amigos pessoaes os chefes de uma e outra corrente, os membros de uma e outra familia.

Liberaes eram os Medeiros, e *conservadores* os Baptista, isso durante a phase monarchica.

Na Republica, o regimem presidencial pôz termo ás ideologias politicas, e a contenda entre as duas familias assumiu outra feição: quando os Medeiros eram governistas, os Baptista eram opposicionistas, e *vice-versa*.

Se José Bernardo, o chefe consagrado dos Medeiros, se approximava da situação dominante, inevitavel

era que os Baptista tomassem o outro caminho: — o da opposição.

Isso durou até 1897, quando Pedro Velho conseguiu fundir as duas tradicionaes organizações partidarias locaes, harmonisando-as e unindo-as sob uma direcção dual de genuinos representantes dos dois grandes grupos familiares — Medeiros Valle, pelos Medeiros, e Joaquim Martiniano Pereira, pelos Baptista.

Os membros da familia Baptista que mais destacada influencia exerceram no seu seio, e a chefiaram durante largos annos foram Lula Baptista, Salviano Baptista, Manoel Bazilio de Araujo, Lindolpho Araujo e Joaquim Martiniano.

Todos tiveram assinalado prestigio politico, e desempenharam, (com exepção de Lindolpho) mandatos legislativos, na Assemblea Provincial os tres primeiros, e no Congresso do Estado, o ultimo, e prestaram serviços inestimaveis á terra que lhes serviu de berço.

O tronco inicial da familia Baptista foi João Baptista dos Santos, filho de João Alves dos Santos, residente no Catururé, do actual municipio de Jardim do Seridó.

João Baptista foi casado com Maria Marcelina, filha de Antonio de Azevedo Maia, o fundador de Jardim do Seridó, e de Michaela Dantas Pereira.

Deste casal resultaram os filhos seguintes: José Baptista (de Timbauba), Manoel Baptista (da Inez), Cosme Baptista (das Marrecas), Caetano Baptista (do Riacho do Meio), Alexandre Baptista (dos Umaris Pretos), Joaquim Baptista, (do Riacho da Serra), João Baptista (de Santa Rita-Assú), Izabel, casada com Manoel de Arau-

jo, Antonio Baptista (de S. Miguel de Jacurutú), Francisco Baptista, casado com Joanna Diniz de Bentancor, Anna, casada com Manoel Gomes de Mello, Maria, casada com Cosme Soares Pereira e Antonia, casada com Antonio Alves.

A familia Baptista participou sempre de todos as campanhas patrioticas. Muitos dos seus membros incorporaram-se as forças organizadas no Seridó para combater o movimento restaurador de Pinto Madeira, e um delles, Antonio Baptista dos Santos, dotado de espirito religioso, fez um voto a São Sebastião, promettendo erigir uma Capella em seu louvor, se retornasse em paz e victorioso da lucta contra o caudilho.

Eis a origem da capella, e do actual municipio de Jacurutú.

Tambem na guerra contra o Paraguay Manoel Basilio de Araujo foi um dos que, com José Bernardo de Medeiros, Gorgonio Paes de Bulhões, Manoel Vieira de Medeiros Junior e outros, vieram do Seridó para o Rio, constituindo um corpo de voluntarios para a defesa da Patria.

O governo, porem dispensou os seus serviços, e voltaram todas á terra natal, embarcando no Rio de Janeiro, rumo a Natal, no paquete "Tocantins" em 6 de Janeiro de 1866. (1)

A familia Baptista é das mais recentemente localizadas no Seridó. Mesmo assim é das que maior descendencia tiveram, principalmente no municipio de Caicó, a cujo progresso têm prestado bons e leaes serviços.

Uma caracteristica digna de accentuar na familia Batista é a longevidade.

Varios dos seus membros têm conseguido transpor um seculo de existencia.

(1) "Jornal do Commercio," Rio de Janeiro, 7-1-1866.

MEDEIROS

Os Medeiros, hoje numerossimos no Seridó, procedem dos irmãos Rodrigo e Sebastião de Medeiros que, no começo do seculo XVIII, vieram de Portugal e se fixaram nas margens do Rio Quipauá no actual municipio parahybano de Santa Luzia.

Algumas lendas formaram-se e foram transmittidas de geração a geração, atravez quasi dois seculos, a respeito dos irmãos Medeiros.

Uma dessas lendas diz que Rodrigo e Sebastião, denunciados como collaboradores no attentado contra a vida de D. José, rei de Portugal, conseguiram fugir, vindo parar nos sertões nordestinos, furtando-se assim á furia pombalina. Ha um indicio que poderia autorizar essa versão. É que em Portugal usavam nomes differentes dos que adoptaram no Brasil.

Ao que informa reputado genealogista portuguez, (1) que se firmou em documentos authenticos, os nomes que usavam na Ilha de S. Miguel eram, respectivamente, Rodrigo Affonso de Mattos e Sebastião Affonso de Mattos, (o Mattos era da linha paterna, pois eram filhos do Alferes Manoel de Mattos), emquanto no Brasil substi-

tuiram o AFFONSO DE MATTOS por MEDEIROS, (sobrenome materno, pois a progenitora dos dois era Maria Medeiros Pimentel).

A substituição dos sobrenomes teria visado escaparem Rodrigo e Sebastião a perseguição inevitavel.

A versão, porem, não passa de pura lenda, creada pela imaginação popular.

Basta considerar que Thomaz de Araujo Pereira, o primeiro Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, neto de Rodrigo de Medeiros, nasceu em 1765, isto é, sete annos após o attentado contra a vida de D. José, que occorreu a 3 de setembro de 1758, sendo assim materialmente impossivel que, apenas 7 annos após a sua vinda para o Brasil, pudesse Rodrigo contrahir casamento, procrear filhos e ter netos. Haveria a hypothese de ter vindo elle casado e com filhos, mas essa hypothese deve ser afastada, sabendo-se, como se sabe, que Thereza, mãe de Thomaz de Araujo e filha de Rodrigo, nasceu no Brasil e de mãe brasileira, Apollonia Barbosa, fallecida na fazenda Remedio, Acary, em 28-11-1802, com 88 annos de idade. (2)

É possivel que os irmãos Medeiros tenham sahido de Portugal por algum motivo que os obrigasse a occultar e até a mudar de nome de familia, mas não foi de maneira alguma o attentado contra D. José, pois muito antes da época desse attentado já elles aqui se encontravam.

Uma outra lenda a envolver os irmãos Medeiros é a que vem referida por Phelippe Guerra, segundo a qual Pedro Ferreira das Neves, conhecido por Pedro Velho, ferido em combate na luta contra os hollandezes, abrigára-

se em casa de um indio, cuja familia o tratára desveladamente, casando-se depois com uma filha do dito indio, de nome Custodia de Amorim Valcacer, por quem se apaixonára. Uma das filhas do casal Pedro Neves-Custodia Valcacer desposára, por sua vez, Manoel Fernandes Freire, pessoa das principaes em Sabugy.

Sendo solteiros os irmãos Medeiros, cuidaram influentes na região em que elles se instalaram com as suas fazendas de gados de arranjar-lhes para esposas duas filhas de Freire, netas da india Custodia. Recusaram a principio, allegando serem de condição social elevada, mas, tal fôra a pressão, que se conformaram afinal, vindo a contrahir matrimonio, Rodrigo com Apollonia Barbosa, e Sebastião com Antonia de Moraes Valcacer, irmãs entre si e netas de Custodia.

Não posso affirmar se é verdadeira a versão ou se se trata, como a primeira, de uma simples lenda.

A tradição relata ainda que entre os ascendentes das esposas dos irmãos Medeiros havia um GOVERNADOR DA PARAHYBA. Encontro realmente no livro de Coriolano de Medeiros, "Diccionario Chorographico do Estado da Parahyba", (3) referencia a João de Moraes Valcaçar, membro de uma JUNTA GOVERNATIVA que esteve á frente dos destinos parahybanos em 1719, como deparo tambem no livro de João de Lyra Tavares, "Historia Territorial da Parahyba", (4) menção de um D. Pedro Valcacer, GOVERNADOR dos indios Cariris, pedindo terras, já occupadas pelos mesmos indios, na missão de N. S. do Pilar do Taipú, sitio Genipapeiro, no lugar Bultrins.

Estou inclinado a suppor que a mulher de Pedro Velho, Custodia Valcacer, seria filha deste D. Pedro Valcacer, GOVERNADOR dos Cariris, confirmando-se assim a outra versão — a de que os Medeiros casaram-se effectivamente com descendentes de indios.

A respeito da origem dos Medeiros, "*que tiveram seu principal assento na Villa da Lagôa,* escreveu o padre Gaspar Frutuozo, no seu trabalho "Saudades da terra", "Historia Genealogica de Sam Miguel", elaborado em 1590, e publicado muitos annos depois, o seguinte: "Ruy Vaz de Medeiros, de nobre geração, veiu no principio da povoação desta ilha (Sam Miguel), em tempo do Capitão Ruy Gonçalves, primeiro do nome, de Ponte de Lima ou de Guimarães, fugido a seu pay, indo ter primeiro a ilha da Madeira, onde cazou honradamente com uma filha d'um nobre cidadão chamado Jorge de Mendonça, de quem tem muitos parentes hoje em dia deste appellido dos Mendonças e Furtados: teve na dita ilha muita amizade com Ruy Gonçalves da Camara, irmão do capitão della, que depois o foi desta; em cujo tempo veio a ella: porque conhecendo-a lá, vendo sua riqueza e nobreza, como se tratava com cavallos na estrevaria, criados e escravos em casa, que o dito Ruy Vaz tinha; juntamente com sua bôa condição, o trouxe a esta ilha, onde lhe deu muitas datas de terras de sesmaria, no termo da Villa da Lagôa, de que foi muito abastado; e houve de sua mulher, chamada Anna Gonçalves, filhos". (5) E enumera os seguintes: Vasco de Medeiros, casado com Catharina de Ponte, filha de Fernando Rodrigues, dos nobres da Lagôa; Raphael de Medeiros, casado com uma filha de Antonio

Roiz Carneiro, governador da ilha de Santa Maria; João Vaz de Medeiros, casado com Izabel de Frias; Jordão Vaz de Medeiros, casado em Villa Franca com uma filha de Francisco Affonso e Branca de Paiva; um filho que falleceu solteiro; uma filha que se casou com Diôgo Affonso Cogombreiro; Guiomar Roiz de Medeiros, casada com Lope Annes de Araujo; e Maria de Medeiros, que casou tres vezes.

Mas, deixando de lado a geração dos Medeiros em Portugal, quero acompanhar os dois irmãos, Rodrigo e Sebastião, no nordeste brasileiro, terras de Santa Luzia do Sabugy, limites com a zona do Seridó, para a qual se passaram muitos dos seus descendentes immediatos.

Rodrigo de Medeiros casou-se, como ficou dito, com Apollonia Barbosa, havendo do casal oito filhos: Antonio de Medeiros, Manoel de Medeiros Rocha, Francisco Freire de Medeiros, José Barbosa de Medeiros, Thereza casada com Thomaz de Araujo Pereira, (o 2.º), Maria, casada com João Damasceno Pereira e Izabel, casada com Gonçalo Correia de Avilla.

Entre os filhos de Sebastião de Medeiros e Antonia de Moraes Valcacer, sabe-se com segurança de João Chrisostomo casado com uma filha do coronel Caetano Dantas; Luzia, casada com Caetano Filho; Maria, casada com Manoel Alves da Nobrega; Sebastião casada com Maria Leocadia, filha de Antonio Paes de Bulhões; Alexandre Manoel, casado com Antonia Gomes, filha de Cosme Gomes de Alarcão; Quiteria casada com o portuguez José Ignacio de Mattos; Antonia, casada com João

de Morais e Vicencia casada com Martinho Garcia de Araujo. (6)

Dos filhos de Rodrigo de Medeiros e Apollonia Barbosa destacou-se Manoel (o capitão-mor Manoel de Medeiros Rocha), que se fixou na fazenda Remedio, no Seridó, e que chegou a occupar, no começo da Independencia do Brasil, a situação de membro da Junta do Governo da Provincia do Rio Grande do Norte. Foi chefe de grande prestigio na região de sua residencia e teve por successor, na direcção da vida politica local, seu sobrinho Thomaz de Araujo Pereira, (o 3.º), a quem deu todo apoio.

Medeiros Rocha casou-se com Anna de Araujo, filha de Antonio Paes de Bulhões e de sua esposa Anna de Araujo Pereira, e veiu a fallecer em 8 de fevereiro de 1837, conforme se verifica do seu inventario existente no cartorio do Acary. Já era viuvo, pois sua esposa fallecera em 4 de setembro de 1834. (7)

Com uma neta de Sebastião de Medeiros, de nome Maria José, filha de Manuel Alves da Nobrega, casou-se um filho de Caetano Dantas, Manoel Antonio Dantas Correia, ascendente do Conselheiro Britto Guerra, que foi Ministro da Suprema Côrte de Justiça do Brasil, nos ultimos annos do regimen monarchico, homem de grande austeridade e vasto saber.

De Sebastião de Medeiros houve outros descendentes remotos que occuparam saliente posição politica e social, cabendo citar José Bernardo de Medeiros, que exerceu durante largos annos, nos dois regimens, cargos de elevada significação, tendo fallecido como Senador Federal, em 15 de Janeiro de 1907.

Tão grande foi a força eleitoral de José Bernardo no Rio Grande do Norte, mormente no Seridó, que, em 1889, ultima eleição monarchica para deputados geraes, tendo rompido com o dr. Amaro Bezerra, chefe do seu partido, que era o liberal, conseguiu eleger, em pleito renhidissimo, o seu candidato, dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro, contra a candidatura do proprio chefe Amaro Bezerra que viera em pessoa disputar a eleição.

A victoria augmentou ainda mais o prestigio e o renome de José Bernardo, e foi cantada em prosa e versos pelos jornais da epoca.

Paulo de Albuquerque, poeta mossoroense, enthusiasmado com o episodio eleitoral, dedicou ao candidato Castro uma longa poesia de tonalidades condoreiras, na qual havia versos como estes:

"Nãc valeram as ameaças.
Do fero, injusto rival...
Cahiram no pó das praças
Á resistencia formal...
P'ra derrotal-o bastava
Aquella gente tão brava...
A grande phalange só!...
Quem jamais venceu pujante
O baluarte gigante
Collosso do Seridó?!

E ainda estes outros com referencia especial a José Bernardo e ao seu leal companheiro de jornada politica,

tambem valoroso chefe seridoense, coronel Silvino Bezerra:

"Aos clarins eleitorais
Não vos faltou Legião:
Soldados firmes, leais
Sob o aureo pavilhão:
José Bernardo, Silvino
Dois chefes de grande tino,
Um e outro iguais no vulto;
Dois valentes commandantes,
Altivos, perseverantes,
Temiveis no seu reducto."

Outros membros da familia Medeiros, ramo seridoense, tiveram evidencia e projeção no scenario politico-social, entre elles o Padre Joaquim Felix de Medeiros e o Prof. Antonio Carlos de Medeiros, deputados provinciaes no periodo monarchico, e o dr. Manoel Augusto de Medeiros, formado em Medicina na Bahia, aos 13 de dezembro de 1884, e fallecido em Jardim do Seridó em 21 de novembro de 1922, o qual foi deputado á Constituinte Estadual de 1891 e politico dos mais combativos nos sertões potyguares, occupando sempre destacada posição nas fileiras opposicionistas.

O Padre Sebastião Constantino de Medeiros, nascido na Fazenda Umary (Caicó) em 20 de janeiro de 1847 do casal coronel Francisco Antonio de Medeiros e d. Anna Vieira de Medeiros, chegou por sua vez a uma situação de muito relevo na vida ecclesiastica.

Ordenando-se em Olinda, no seu tradicional Seminario, em 30 de novembro de 1870, foi vigario de Serra Negra logo depois de ordenado, mas, chamado por Dom Vital para ajudá-lo de perto na direcção da grande diocese de Olinda, justamente na epoca da tumultuosa questão religiosa que levou á prisão os bispos Dom Vital e Dom Antonio de Macedo Costa, passou a servir como o 2.º dos tres governadores da Diocese.

Preso o 1.º governador, Conego José Joaquim Camelo de Andrade, o Padre Sebastião investiu-se no governo interino, em fevereiro de 1875, mas não concordando em derrogar as penas impostas por Dom Vital, teve a mesma sorte que o seu bispo e o Conego Camelo de Andrade, isto é, foi preso.

No Seminario de Olinda leccionou Theologia Moral e exerceu a reitoria.

Em 5 de outubro de 1878, ingressou na Companhia de Jesus.

Em 1882 e 1883 foi professor de portuguez no collegio Pio Latino Americano de Roma, onde falleceu aos 24 de abril de 1886, quando exercia o officio de auxiliar do Padre Maximiliano Maximo, S. J., fundador e 1.º Superior do Instituto Maximo. (8)

(1) Notas do dr. Rodrigo Rodrigues, genealogista portuguez de Ponta Delgada, S. Miguel, colhidas por intermedio do dr. Diogo Cabral:

LINHA DOS ROCHAS:

1) Pedro Esteves da Rocha Machado, natural de Vianna, no Alentejo, foi para a Ilha da Madeira e de lá foi para a Ilha de S. Miguel, por 1470, casando-se. (Saudades da Terra — Liv. 4, cap. 25).

2) Affonso Anes da Rocha, tambem foi da Madeira com o pae, em 1492, casou-se em Ponta Delgada com Martha Pavôa, filha de Affonso Rodrigues Pavão.

3) Pedro Affonso da Rocha, casado com Margarida Affonso, filha de Francisco de Anes. (Saudades da Terra, cap. 25).

4) Alvaro Pires da Rocha, armado cavalheiro em Africa, confirmado por carta regia de 26-5-1515. (Arch. dos Açores, vol. 4, pag. 127).

5) Manoel Rodrigues da Rocha, morador na Ribeira Secca, casado com Maria Pires, filha de Antonio Pires Velho. (Liv. 4, cap. 24, § 6).

6) Manoel Rorigues da Rocha, ou Manoel Rocha Machado, natural de Ribeira Secca, casado segunda vez com Beatriz Furtado, em 9-7-1607, filha de Manoel Rodrigues Furtado e de Beatriz Marques.

7) Maria de Medeiros, moradora na Lomba de Sta. Barbara, casou-se em 15-10-1650, com Francisco Lopes da Costa, fallecido em 12-8-1680, com testamento em que foi testamenteiro o seu genro, Bartholomeu de Frias Camello.

8) Maria de Medeiros Rocha que se casou em 31-3-1674, com Bartholomeu de Frias Camello.

9) Maria de Medeiros Pimentel, que, em 1712, justi-

ficou a ascendencia dos filhos pela linha do seu pae, Bartholomeu de Frias Camello, e casou-se em S. Pedro da Ribeira Secca, em 17-6-1693, com o Alferes Manoel de Mattos, filho de Rodrigo de Mattos e de D. Catharina de Fontes.

10) Muitos filhos, inclusive Rodrigo e Sebastião.

LINHA DOS VASCONCELLOS:

1) Diogo de Oliveira Vasconcellos, natural de Beja, foi filho natural legitimado por carta regia de 3-7-1504, do rei D. Manoel, publicada no vol. 5 do Archivo dos Açores, pag. 105, de Martins de Oliveira, Capitão de Arzila, aonde foi armado cavalleiro, filho este de Ruy de Oliveira, creado na casa do Infante D. Fernando, casado com Maria Esteves.

2) Estevam de Oliveira Vasconcellos, casado com Ignez Manoel, filha de Manoel Affonso Pavão. (Saudades da terra, 1, cap. 29, § 15).

3) Sebastião de Oliveira Vasconcellos, casado com Joanna Fernandes, filha de Matheus Dias e de Francisca Jorge. (Vol. 4, cap. 8, § 21).

4) Matheus de Oliveira Vasconcellos, morador em Porto Formoso, cavalleiro, como se lê em uma escriptura de 4-3-1635.

5) Manoel de Oliveira Vasconcellos, natural do Porto Formoso, casado em São Pedro da Ribeira Secca, em 29-10-1603, com Izabel Pimentel de Rezende, filha de Ruy Gonçalves e de Francisca Manoel.

6) Maria de Rezende Vasconcellos, fallecida na Lomba

de Santa Barbara em 16-2-1690, casada em S. Pedro da Ribeira Secca em 4-10-1647, com Antonio Pacheco de Medeiros, natural de Villa da Lagôa, filho de Amaro Pacheco e de Ignez de Frias Medeiros.

7) Bartholomeu de Frias Camello, natural e morador na Lomba de Santa Barbara, casado com Maria de Medeiros Rocha.

8) Maria de Medeiros Pimentel, a justificante de 1712, morreu na Lomba de Santa Barbara em 27-11-1734. Seu marido Manoel de Mattos, falleceu em 7-11-1729.

9) Rodrigo Affonso de Mattos nasceu em 21-1-1709 e foi baptisado em 26 do dito mez na Igreja de S. Pedro da Ribeira Secca. Não foram encontrados os assentamentos relativos a Sebastião, irmão de Rodrigo. Os outros filhos do casal tem muitas gerações em S. Miguel.

(2) Livro de Registro de Obitos da Matriz de Caicó.

(3) Coriolano de Medeiros. "Dic. Chorog. do Estado da Parahyba", pag. 63.

(4) João da Lyra Tavares — "Hist. Territorial da Parahyba", — Vol. I, pag. 87.

(5) Gaspar Frutuozo — "Saudades da Terra", pag. 158 e seguintes.

(6) Notas do coronel Manoel Maria do Nascimento e Silva.

(7) Cartorio do Acary — Rio Grande do Norte.

(8) Notas fornecidas pela professora Julia Medeiros, sobrinha do padre Sebastião.

LOPES GALVÃO

A familia Lopes Galvão, grande parte da qual reside hoje no Seridó, Rio Grande do Norte, notadamente nos municipios de Currais Novos e Acary, (o ramo que descende directamente de Cypriano Lopes Galvão e Adrianna de Hollanda de Vasconcellos), procede de Manoel Lopes Galvão, que foi secretario das mercês no reinado de D. João IV, em Portugal, e progenitor de outro Manoel Lopes Galvão que se transportou para o Brasil, onde conseguiu destacada situação, sobretudo de ordem militar, tomando parte activa e saliente nas varias luctas travadas no periodo colonial, de modo particular na guerra contra os hollandezes e nas guerrilhas dos Palmares.

Este segundo Manoel Lopes casou-se no Brasil com d. Margarida Lins Acioli, filha de Christovão Lins, alcaide-mor de Porto Calvo, e de d. Adrianna de Hollanda. (1)

Para se avaliar o valor e os serviços prestados ao Brasil por Manoel Lopes Galvão (o segundo), basta consultar os documentos officiaes da sua época.

Este, por exemplo, que vem publicado no livro de

Antonio Joaquim de Mello, tão cheio de dados interessantes:

"Dom Pedro por graça de Deos Rei de Portugal e dos Algarves, daquem e dalem mar, em Africa senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio da Etiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Faço saber aos que esta minha Carta Patente virem, que tendo respeito a Manoel Lopes me haver servido no Estado do Brasil por espaço de cincoenta e tres anos efetivos, desde o de seiscentos e trinta e cinco até o de seiscentos e oitenta e oito, em praça de soldado, cabo de esquadra, sargento, alferes, capitão de infantaria, tenente general da guerra dos Palmares, e sargento mor de um dos terços da guarnição de praça de Pernambuco, que atualmente está exercitando, achando-se no discurso deste tempo nas ocasiões que se oferecerão contra os Holandeses, particularmente nas da mata redonda da Barra Grande, no recontro do Passo de Una, e Porto Calvo, no sitio que o Conde de Nassau poz á cidade da Bahia, e nos assaltos que lhe deo; nas quatro batalhas que o Conde da Torre teve com a armada holandesa á vista de Pernambuco; e saltando em terra com o Mestre de Campo Luiz Barbalho marchando pela campanha do inimigo para a Bahia mais de quatrocentas leguas, e nas quatro ocasiões da peleja que houve com os holandeses se haver com satisfação, e com igual procedimento nas tomadas das fortalezas de Nazareth, e Serinhaem, e no forte do engayana, na expugnação de duas casas fortes; nas occasiões da varzea do Capirabe, Topissou, e Salinas; no recontro da Paraíba, nas duas batalhas dos Guararapes, em que se lhe derão dous escudos de vantagem; na recuperação de to-

das as fortalezas do Recife, em que procedeo com tanto valor, que se lhe deram outros dous escudos de vantagem; e nas guerras dos Palmares se haver com bom procedimento, formando tropas, levantando gente, e conduzindo mantimentos com muito cuidado, e hindo por varias vezes fazer aqueles negros considerável damno, suportando o trabalho dos caminhos, e fomes da campanha, e sendo encarregado do apresto das frotas dar-lhe grande expediente por se haver na carga dellas com muito zello; e da mesma maneira se haver na vila da Alagoa do Sul na guerra que se fez aos negros dos Palmares, em que se lhe matou o seo governador Zumbi, e muita gente por cuja causa ficarão livres aquelles moradores; havendo-se na disposição da guerra, e dos soccorros com grande cuidado; e em todo o tempo que governou Pernembuco Aires de Souza se achar em repetidos perigos, e encontros que teve com os ditos negros hindo por cabo de duzentos e tantos homens com que lhes fez guerra em varias partes do reconcavo, gastando nella muitos mezes e matando-lhes mais de oitocentas pessoas; e sucedendo naquele governo D. João de Souza, continuar na dita guerra com a mesma disposição, zelo, e valor, gastando anno e meio nesta reparação; e hindo em pessoa com cento e quarenta homens a buscar os ditos negros rebeldes, e pelejar com elles desalojando-os do mucambo onde estavam fortificados, e entrando nele lhe por o fogo queimando mais de seiscentas casas que nele tinham, arrancando, talando, e destruindo todos os seus mantimentos, em que lhes causou grande damno; e no discurso do tempo referido passar grande trabalho, e descommodo de sua pessoa, dando á execução tudo quanto

lhe foi ordenado do meo serviço; e no reparo da fortaleza de Tamandaré na ocasião em que um corsario andou por aquela costa o fazer com disposição e brevidade: E por esperar delle Manoel Lopes, que da mesma maneira me servirá daqui em diante em tudo o de que for encarregado de meo serviço, conforme á confiança que faço de sua pessoa: Hei por bem fazer-lhe mercê do posto de Mestre de Campo em um dos terços da guarnição de praça de Pernambuco, que vagou por fallecimento de D. João de Souza, com o qual posto haverá o soldo que lhe tocar, e gosará de todas as honras, privilegios, isenções, liberdades, e franquezas, que em razão dele lhe pertencerem. Pelo que mando ao Governador da dita capitania de Pernambuco conheça ao dito Manoel Lopes por Mestre de Campo do dito terço, e como tal o honre, estime, e deixe servir, e exercitar, o dito posto, e haver o dito soldo, que lhe será pago na forma de minhas ordens; e ao sargento mor, capitães, oficiais, e soldados do dito terço ordeno tambem que em tudo lhe obedeção, e cumpram suas ordens de palavra, e por escrito, como devem, e são obrigados, e ele jurará na forma costumada que cumprirá inteiramente com as obrigações do dito posto, de que se fará assento nas costas desta Carta Patente, que por firmeza de tudo lhe mandei passar por duas vias, por mim assinada, e selada com o sêllo grande de minhas armas. Dada na cidade de Lisbôa aos 6 dias do mez de Março do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil seiscentos e oitenta e nove. O Secretario Andre Lopes de Laura a fez escrever. — El-Rei. — Conde de Val de Reis". (2)

E ainda estes outros:

(a) "Consulta do Cons° Ultr° de 18 de novembro de 1699, sobre a nomeação de pessoas para a Companhia de Infantaria, que vagou em Pernambuco no Terço do Mestre de Campo Jorge Lopez Alonço, por falecimento de Manoel Bernardes Cardoso.

.....

Pareceo ao Conselho votar em primeiro logar para a companhia que vagou em Pernambuco por falecimento de Manoel Bernardes Cardoso, no 3.° do Mestre de Campo Jorge Lopez Alonço, em Francisco Lopez, assy por seuz serviços como de estar presentemente servindo de alferes de mestre de campo do mesmo Terço, e *ser filho de Manoel Lopez, soldado muy benemerito no serviço de Vmgde e que serve de mestre de campo no outro Terço da mesma capitania de Pernambuco.*" (3)

(b) "Consulta do Cons° Ultr° de 12 de fevereiro de 1701 sobre a nomeação de pessoas para a comp^a. de infantaria que vagou na capitania de Pernambuco no 3.° do mestre de campo Jorge Lopez Alonço, por falecimento de Antonio Barbosa.

.....

Pareceo ao Cons° votar em primeiro lugar para a Companhia que vagou em Pernambuco por falecimento de Antonio Barbosa no Terço de que é mestre de campo Jorge Lopez Alonço; em Francisco Lopez Galvão; assim na consideração de estar actualmente servindo de alferes do Mestre de Campo do mesmo Terço; *e ser filho do Mestre de Campo Manoel Lopez que serviu a Vmgde com muy honrada satisfação, fazendosse muy benemerito no serviço de Vmgde*. Ha na margem a seguinte nota: *Nomeo*

frc. lopez galvão, e o conselho terá por lembrança na occasião que houver tratar de Ant. Garro da Camara, conforme os seus serviços e merecimentos. Salvaterra 28 de fevereiro de 1701. Rubrica de Pedro II" (4)

Ponto em relevo a acção de Manoel Lopes Galvão na chefia da campanha contra os negros dos Palmares, Ernesto Ennes, a quem devemos documentado estudo sobre a referida campanha, cujo primeiro volume consta da coleção de estudos nacionaes — "Brasiliana" —, affirma o seguinte: "Compreendeu-se finalmente a impossibilidade de continuarem expostas á audacia dos negros as populações, colonos e portugueses, e até a propria soberania. Nessa conformidade, resolveu o governador. D. Pedro de Almeida, em 1674, organizar uma expedição, para a qual pediu a todas as camaras socorros de gente e de munições, confiando o commando dellas a Manoel Lopes, em fins de novembro de 1675.

25 dias de jornadas, um vasto arraial, um grande numero de defensores, duas horas de luta porfiada, o incendio, a fuga desordenada dos defensores para o interior, e a constituição ou a junção a outro Quilombo vizinho, mais para o interior da floresta, foi o resultado immediato. Ahi esteve Manoel Lopes perto de cinco mezes, conseguindo apenas umas treguas aos moradores das villas visinhas e alguns cativos (mais de 100) que affirma procuraram os antigos senhores, medrosos dos horrores da guerra. Não esmoreceu o governador com o relativo successo desta expedição, pelo contrario". (5)

A descendencia de Manoel Lopes Golvão, ainda muitos annos após haverem cessado as suas actividades, conti-

nuou a invocar o seu nome como justo galardão e como recomendação para acessos e honrarias.

Foi assim que Ignacio de Souza Magalhães, nos meiados do seculo dezoito, fez inscrever na sua fé de officio militar, entre os seus melhores titulos, o de ser bisneto de Manoel Lopes Galvão, *"mestre de campo que foi do mesmo Terço de Olinda, a quem se deve em muita parte a restauração de Pernambuco"*. (6) Nessa occasião, Magalhães pleiteava o lugar de capitão de Infantaria do Rio Grande do Norte, e effectivamente foi nomeado em 24 de julho de 1748.

Do casamento de Manoel Lopes Galvão com d. Margarida Lins Acioli houve filhos, a respeito de dois dos quaes, Francisco Lopes Galvão e d. Maria do Carmo de Proença, existem muitas referencias em documentos irrecusaveis.

D. Maria do Carmo de Proença (Pedro Paulino da Fonseca escreve Maria de Proença Lins Acioli) casou-se com Manoel da Fonseca Jayme, figura de grande projeção na vida militar e politica do nordeste, tendo commandado tropas contras os *Mascates* na fomosa luta que houve em Pernambuco entre a aristocracia olindense e o commercio recifense, e tendo governado o Ceará no periodo que vai de agosto de 1715 a novembro de 1718. (7)

Do casal Manoel da Fonseca Jayme-Maria do Carmo de Proença houve os seguintes filhos, dos quaes tenho noticias: a) Bernardino de Oliveira Pinto, que casou com Jeronima de Albuquerque, irmã de Pedro de Albuquerque Mello, capitão-mor e governador do Rio Grande; (8) b) Felix da Fonseca Jayme; (9) c) Cypriano Lopes da

Fonseca Galvão; (10) d) Luiza Hilaria da Fonseca, casada com João de Souza Magalhães e mãe de Luis de Souza Magalhães, a quem se refere longa e elogiosamente Loreto Couto; (11) e, Margarida Ribeiro da Fonseca, casada com Manoel Soares de Souza. (12)

Francisco Lopes Galvão, filho de Manoel Lopes, a respeito de quem os relatorios officiaes fazem longas citações, chegou a relevante situação militar, conforme se evidencia das referencias que acima reproduzi, constantes do livro de Ernesto Ennes.

Francisco Lopes foi casado com D. Joanna Dornelles Pimentel, (13) filha de Manoel Rodrigues Pimentel, (14) deixando descendencia.

Encontro referencia documentada a tres filhos do casal Francisco Lopes-Joanna Dornelles: a) Joanna Lopes, (15) b) Francisco Dornelles, (16) e c) Cypriano Lopes Pimentel. (17)

Este ultimo casou com dona Thereza da Silva, filha do Alferes Phelippe da Silva e D. Joanna Salema, (18) de cujo casal resultaram os seguintes filhos: a) Lazaro Lopes Galvão, que se casou com D. Izabel de Bezerril; b) Cypriano Lopes Galvão; c) Jorge Lopes da Silva; d) Archangelo Lopes Galvão; e) Estevam Lopes Galvão; f) Manoel Lopes Galvão; e g) D. Luiza da Silva, que se casou com o Sargento-mór Manoel Alvares Maciel. (19)

Cypriano Lopes Pimentel residia na Capitania do Rio Grande do Norte, (Goyaninha), onde seu pae o Sargento-mór Francisco Lopes possuia terras que lhe foram concedidas em sesmaria no anno de 1670, (20) mas seu filho Cypriano Lope Galvão, tendo casado em Iguarassú, Per-

nambuco, com D. Adriana de Holanda de Vasconcellos, (21) de familia abastada e importante, como tambem era a sua, adquiriu muitas terras na região do Seridó, para onde se mudou, fundando grandes fazendas de creação de gado.

Nessa epoca, a pecuaria do Rio Grande do Norte apresentava bastante desenvolvimento do ponto de vista quantitativo, sendo capitania abastecedora de carnes ás capitanias que eram suas visinhas pelo lado do sul.

Cypriano Lopes Galvão não viveu muito, tanto assim que sua esposa, d. Adriana, em 1764, requeria novas terras ao governo do Rio Grande para situação de outras fazendas, e se dizia nas petições — *viuva do Cel. Cypriano Lopes Galvão*.

D. Adriana, perdendo o seu primeiro marido, casou segunda vez com o rico fazendeiro Felix Gomes, tambem do Seridó, e, enviuvando segunda vez, desposou o cel. Antonio da Silva e Souza, que foi o primeiro presidente da Camara da Villa Nova do Principe (Caicó), quando da creação do Municipio em 31 de julho de 1788. O fallecimento de d. Adriana occorreu em 19 de março de 1793, (22) tendo sobrevivido ao seu primeiro marido Cypriano Lopes, pelo menos trinta annos.

Cypriano Lopes Galvão devia ser bem mais velho do que a sua esposa d. Adriana, pois em 1721, quando se fez o inventario por fallecimento de seu pai, Cypriano Lopes Pimentel, já era de maioridade, tendo sido testamenteiro e o inventariante dos bens.

Os filhos do coronel Cypriano Galvão e D. Adriana de Holanda de Vasconcellos foram os seguintes:

a) — Capitão-mór Cypriano Lopes Galvão, que se casou com D. Vicencia Lins de Vasconcellos; (23)

b) — João Manoel, que morreu solteiro;

c) — Manoel Lopes, que morreu solteiro;

d) — Thereza, que morreu solteira;

e) — Francisca Xavier de Moura, que se casou com José de Freitas Leitão; e

f) — Anna Lins de Horanda, que se casou com Miguel Pinheiro Teixeira.

O Capitão-mór Galvão, primeiro dos filhos do casal Cypriano Lopes--Adriana de Holanda, teve relevante situação na vida publica, e em 1808 concebeu a idéia de erigir uma capella, dedicada a N. S. Santanna, na sua fazenda Curraes Novos, creando o patrimonio e custeando o trabalho da construção. Para isto requereu ao bispo de Olinda, d. José Maria de Araujo, a competente provisão, que foi despachada a 24 de fevereiro de 1808, sendo dada ao vigario de Caicó a permissão de bemzer a primeira pedra", conforme relata Manoel Dantas, no seu excellente trabalho, "Denominação dos Municipios — Rio Grande do Norte".

Foi assim o capitão-mór Galvão, filho de Cypriano, o fundador de Curraes Novos, hoje uma das mais prosperas unidades administrativas do Rio Grande do Norte. (24)

O Capitão-mór Galvão desempenhou saliente papel no scenario politico de Seridó, sendo um dos homens representativos da terra, e teve numerosa descendencia, fallecendo em 1813.

Os filhos do Capitão-mór Cypriano Lopes Galvão e D. Vicencia Lins de Vasconcellos foram os 14 seguintes:

1 — João Lopes Galvão, que se casou com D. Joanna Francisca de Jesus, filha de José de Freitas Leitão.

2 — Sebastião Lopes Galvão, que se casou com D. Maria, filha de José de Freitas Leitão;

3 — Manoel Lopes Galvão, que se casou com D. Anna de Araujo Pereira;

4 — Francisco Lopes Galvão, que se casou com D Anna Joaquina de Holanda, filha de Miguel Pinheiro Teixeira;

5 — Joaquim de Moraes Galvão, que se casou com D. Maria Josepha da Conceição;

6 — Antonio Pio Galvão, que se casou com D. Adriana Lins de Vasconcellos;

7 — Gonçalo Lopes Galvão, que se casou com D. Anna Maria do Rosario;

8 — Cypriano Lopes Galvão, que se casou com D. Thereza Maria José;

9 — Vicencia Januaria de Vasconcellos, que se casou com Francisco Januario de Vasconcellos Galvão;

10 — Anna Lins de Vasconcellos, que se casou com Felix Gomes Pequeno; —

11 — Adriana, que se casou com Alexandre de Melo;

12 — Maria Manoela de Vasconcelos; que se casou com Gonçalo de Freitas Galvão, filho de José de Freitas Leitão;

13 — José Lopes Galvão, que se casou com D. Josepha Maria da Conceição;

14 — Thereza, que morreu solteira. (25)

O terceiro Cypriano Lopes Galvão, filho do Capitão-mór, foi o pae de dois outros Cyprianos, o mias velho,

tambem Cypriano Lopes Galvão, e o mais moço, nascido em 1809 na hora em que o progenitor fallecia, Cypriano das Dores Galvão, posteriormente Cypriano Bezerra Galvão, tendo substituido o *das Dores* por *Bezerra*, homenaa seu avô materno, José Bezerra de Menezes, pae de sua mãe Thereza Maria José. (26)

Os coroneis Silvino Bezerra de Araujo Galvão e José Bezerra de Araujo Galvão, patriarcas seridoenses, e homens de prestigio assignalado na terra em que nasceram, viveram e morreram, eram filhos de Cypriano Bezerra Galvão.

Contam-se, hoje, por muitas centenas, talvez milhares, os descendentes de Cypriano Lopes, o criador de gado que se estabeleceu no Seridó, antes do seculo XVIII chegar ao seu meio.

Os seus troncos de familia, os seus ancestrais no Brasil, desde Manoel Lopes Galvão, foram sempre elementos de grande relevo nas armas, na politica, na sociedade.

Sua mulher, D. Adriana de Holanda de Vasconcellos, descendia, por sua vez, de Arnal de Holanda, (Borges da Fonseca escreve *Arnau* e não *Arnal*, mas Agostinho de Holanda, depondo em abril de 1594 perante o Visitador do Santo Officio, diz ser filho de *Arnal de Olanda*) "um dos homens nobres, que acompanharam a Duarte Coelho" (27) e "dizem as Memorias, que dele se conservam, que era sobrinho do papa Adriano VI, que subiu á cadeira de S. Pedro em 9 de janeiro de 1522". (28)

Eram, assim, marido e mulher, pessoas da melhor camada social, o que certamente dá a explicação da ascen-

dencia exercida pela familia Galvão na terra que o casal elegeu para se fixar e residir.

A familia Lopes Galvão, fundada ha cerca de tres seculos no nordeste brasileiro pelo Mestre de Campo Manoel Lopes Galvão, tem talvez, na epoca presente, o seu mais numeroso nucleo na zona do Seridó, (notadamente nos Municipios de Acary e Currais Novos), mas se estendeu largamente pelos Estados de Pernambuco, Parahyba, Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte, Ceará e Amazonas, pela Capital Federal, por outras partes do Brasil.

Muitos são os vultos illustres que tem dado á Patria, a que teem servido com dedicação e brilho em varios ramos de actividade publica, nas letras, nas sciencias, na politica, na magistratura, no clero, na vida militar.

Citarei aqui, e de passagem, alguns descendentes de Manoel Lopes Galvão que se assignalaram no serviço do Brasil, entre elles o generalissimo Deodoro da Fonseca e o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, ex-Presidentes da Republica, o Barão de Alagoas, os ex-senadores Pedro Paulino e João Severiano da Fonseca, o Marechal Hermes Ernesto da Fonseca, os generaes Clodoaldo da Fonseca, Percilio da Fonseca e Olympio de Carvalho Fonseca, o dr. Fonseca Hermes, netos e bisnetos de Manoel Mendes da Fonseca Galvão; o brigadeiro José Antonio da Fonseca Galvão, (29) militar valoroso com grandes serviços de guerra, fallecido, em 13 de junho de 1866 nas margens do rio Negro; seus filhos o Visconde de Maracajú e o Barão do Rio Apa e seu neto, Enéas Galvão, Ministro do Supremo Tribunal Federal, descendentes de Cypriano Lopes da Fonseca Galvão e Manoel da Fonse-

ca Jayme; os conselheiros Raphael Archanjo e Miguel Archanjo Galvão e o senador e general José Pedro de Oliveira Galvão, descendentes do sargento-mór Francisco Lopes Galvão; os ex-deputados Olympio Euzébio de Arrochelas Galvão e José Bernardo de Arrochelas Galvão e o ministro do Supremo Tribunal Militar, Eneas de Arrochelas Galvão, e ainda o dr. Rodolpho Galvão, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e bacteriologista de grande renome.

(1) Nota de Pedro Paulino da Fonseca. Rev. de Inst. Arch. e Geog. Alagoano, vol. II, pags. 49 e 50.

(2) Antonio Joaquim de Mello, "Biographias de alguns poetas e homens illustres da Provincia de Pernambuco", Vol. II, pags. 170 a 172.

(3) Ernesto Ennes — "As guerras nos Palmares" pag. 403.

(4) Ernesto Ennes — "As guerras nos Palmares" pag. 415.

(5) Ernesto Ennes — "As guerras nos Palmares", pag. 29 e 30.

(6) Colleção Studart, vol. 4, pag. 506.

(7) João Brigido — "Ceará — Homens e Fatos", pag. 52.

(8) Barão de Studart "Datas e Fatos" pag. 145.

(9) Nota de Pedro Paulino, Rev. Cit. pags. 49 e 50.

(10) Nota de Pedro Paulino, Rev. Cit. pags. 49 e 50 e nota no livro do Barão de Studart, no qual se encontram essas palavras: "10-12-1725. Neste anno foi mandado servir no presidio de Fortaleza no Ceará Cy-

priano Lopes da Fonseca e ahi demorou-se um anno", e ainda em outro ponto: "1746. Nomeação de Luiz de Souza Correia para o Posto de Capitão de Infantaria do Terço de Olinda, vago pela reforma do capitão Cypriano Lopes da Fonseca Galvão".

(11) Loreto Couto, "Desagravos do Brasil e Glorias de Pernambuco", escripto em Recife em 175, pag. 399.

(12) Borges da Fonseca, "Nobiliarchia Pernambucana", Vol. I, pag. 267.

(13) Inventario e Testamento de Cypriano Lopes Pimentel existente no Cartorio de Goyaninha, Rio Grande do Norte.

(14) Publicações do Archivo Nacional, n.º XXVII. pag. 27.

(15) Inv. e Test. de Cypriano Lopes Pimentel.

(16) Idem.

(17) Idem.

(18) Idem.

(19) Idem.

(20) Publicação de Archivo Nac. n.º XXVII, pags. 26 e 27.

(20) D. Adriana era filha de João da Rocha Moura e Maria Magdalena de Vasconcellos; esta de Antonio Pinto de Mendonça e Adriana de Holanda; esta de Maria Barbosa da Fonseca e João Leitão de Vasconcellos: este de Francisca dos Santos França e Bartolomeu Leitão de Holanda; este de Maria de Paiva e Agustinho de Holanda de Vasconcellos; este de Brites Mendes de Vascon-

cellos e Arnal de Holanda; este de Margarida Florencia (irmã do Papa Adriano VI) e Henrique de Renobourg.

(21) O inventario existe no cartorio de Currais Novos.

(23) D. Vicencia era filha de Francisco Cardoso dos Santos e Thereza Lins de Vasconcellos, e esta de Alexandre Rodrigues da Cruz e Vicencia Lins de Vasconcellos. Reproduzia Vicencia o nome da avó materna.

(24) Manoel Dantas, "Denominação dos Municipios" — "Rio Grande do Norte", pag. 16.

(25) Notas que me foram fornecidas pelo coronel Antonio Raphael de Vasconcellos Galvão, descendente do capitão-mór Galvão, e residente em Curraes Novos (R. G. do Norte).

(26) Thereza Maria José era filha do cearense José Bezerra de Menezes e Maria Borges do Sacramento. Maria Borges, era filha de Jeronimo Borges da Fonseca e Brigida Maria; e José Bezzerra era filho de Antonio Bezerra de Souza e Thereza Maria José.

(27) Primeiro Donatario da Capitania de Pernambuco.

(28) Borges da Fonseca — "Nobiliarchia Pernambucana", Vol. I, pag. 307.

(29) O brigadeiro Galvão é o mesmo tenente Galvão, por alcunha o "Pastorinha", chefe da sublevação militar que occorreu na capital da Parahyba em 19 de setembro de 1823 como protesto contra a deposição do governador das Armas daquella Provincia, coronel Francisco de Albuquerque Mello.

Fracassado o movimento, o tenente Galvão conseguiu

retirar-se para o Rio Grande do Norte, sertão do Seridó, "homiziando-se em casa de um dos muitos parentes da numerosa familia Galvão ali moradora, de nome Francisco Januario de Vasconcellos Galvão", conforme relato historico publicado na "União" da Parahyba de 19 de Outubro de 1902, attribuido ao historiador parahybano Maximiano Lopes Machado.

Francisco Januario era genro do capitão mor Galvão, fundador de Currais Novos, como já ficou expresso acima.

A respeito do movimento chefiado pelo tenente Galvão, (Pastorinha), ha minuciosa descripção no livro de Irineu Pinto, "Historia da Parahyba", vol. II, pag. 43 e seguintes.

BEZERRA DE MENEZES

Alguns linhagistas brasileiros ligam a familia Bezerra de Menezes a Diogo Alvares Correia (Caramurú) e Catharina Alvares (Paraguassú). (1) Mas o tronco certo da familia é, no Brasil, Antonio Bezerra Felpa de Barbuda, portuguez de Ponte de Lima, casado com Maria de Araujo, chegados a Pernambuco com o primeiro donatário da Capitania, Duarte Coelho, e avós de Francisco Bezerra Monteiro, um dos mais destacados chefes militares na luta contra os hollandezes.

Borges da Fonseca, referindo-se a Francisco Bezerra Monteiro e a sua participação na luta contra os batavos, escreveu:

"Foi um dos mais valorosos Capitães que teve Pernambuco na invasão dos hollandeses, na qual em repetidas occasiões deu mostras do seu brio e do seu prestimo, porque em defesa da patria não só despendeu a fazenda, mas empenhou a pessoa com tanta efficiencia que, prisionando-o os hollandezes, o não deram por seguro em Pernambuco e o mandaram com toda familia para a Hollanda, onde elle falleceu miseravelmente e sua mulher e

filhos depois de alguns annos voltaram para a patria, onde se achavam já em 1645". (2)

De Antonio Bezerra Felpa de Barbuda descende tambem Luiz Barbalho Bezerra, fidalgo da Casa Real, Comendador da Ordem de Cristo e Mestre de Campo de infantaria, governador da Bahia e do Rio de Janeiro, das figuras de maior projeção em todo o Brasil Colonial, um dos grandes cabos de guerra com que contou a Patria Brasileira nas guerras com a Hollanda, epoca em que percorreu boa parte de sertões nordestinos, em jornada militar, após desembarque na praia de Touros, onde ainda hoje resta em abandono uma velha e pesada peça de artilharia por elle deixada.

Sobre Luiz Barbalho Bezerra e seu valor falou o general Francisco de Britto Freire, nestas palavras de justiça:

"A quem tantas continuadas occasiões pelo decurso desta Historia, adiantaram ao insigne Mestre de Campo e deram illustre fama, principalmente naquella celebre e portentosa expedição com que soccorreu a Bahia, penetrando quatrocentas leguas os desertos da America." (3)

Os Bezerra distenderam-se por todo o Nordeste, notadamente os Estados de Pernambuco e Ceará, nos quaes elles passaram e accrescentar ao Bezerra o Menezes, fazendo assim Bezerra de Menezes, ainda hoje adoptado por descendentes.

O Menezes vem de Petronila Menezes, bahiana, casada com Bento Rodrigues Pereira, pernambucano, de Goyana, paes de Joanna Bezerra de Menezes, casada com

o sargento-mór João de Souza Pereira, nascido em Ipojuca, Pernambuco.

Foram filhos de João de Souza Pereira e Joanna Bezerra: Antonio Bezerra, Francisco Barbosa Bezerra de Menezes, Bento Bezerra de Menezes e Thereza Maria de Jesus.

O primeiro delles, Antonio Bezerra de Souza, casou com uma sobrinha, Thereza Maria José, filha de sua irmã Thereza Maria de Jesus com José Ferreira Colaço.

João de Souza Pereira e Joanna Bezerra de Menezes são no Ceará o ponto de partida do ramo dos Bezerra de Menezes, que hoje se estende por todo o territorio cearense. Muitos são os filhos illustres que têm surgido dessa familia.

Um delles foi Antonio Bezerra de Souza e Menezes, commandante das armas na revolução de 1824, a Confederação do Equador, movimento chefiado no Ceará por Tristão Gonçalves de Alencar e Pereira Filgueiras.

O tenente coronel Antonio Bezerra era já homem de avançada idade, quando assumiu o commando das tropas revolucionarias.

Um historiador assim o descreve:

"O valoroso Bezerra, velho bastante, colerico e esbravejador".

Vencido o movimento revolucionario, Bezerra foi preso e a commissão militar, presidida pelo coronel Conrado Jacob de Niemeyer condemnou-o á morte.

A dignidade e altivez com que se conduziu Antonio Bezerra levaram, porém, Niemeyer a pedir para elle a clemencia imperial.

"Declarando preferir a morte a reconciliar-se com a causa imperial, relata um historiador, recusou o indulto, offerecido pelo lord Corchrane e por tal motivo foi feito prisioneiro. Recolhido á prisão na Capital, jungido de ferros, prohibiu a familia que desse um passo para melhorar-lhe a sorte, ou evitar-lhe a condemnação. Em vez de com tanta arrogancia irritar o soldado, cingido ao cumprimento de tão doloroso dever, mais ainda se elevou no seu conceito. Niemeyer mandou insinuar-lhe o recurso de no interrogatorio simular alienação mental. Bezerra recusou; seria fazer acreditar que fôra loucura ter-se batido pela revolução. Niemeyer remetteu-o então para o Rio, renovando a 1º de maio, a seu favor, a suplica dias antes dirigida ao Throno em beneficio de todos os envolvidos na rebelião".

"Clemencia, Senhor, conclamou Niemeyer, só um geral e generoso perdão é o mais efficaz e unico balsamo para cicatrisar tão profundas chagas". (4)

Afinal, por acto imperial foi mandada sustar a execução de Antonio Bezerra, bem como de dois outros condenados: o major José Ferreira de Azevedo e frei Alexandre da Purificação.

Pouco tempo depois Bezerra fallecia.

Um outro membro da familia que alcançou destacada situação nacional foi o dr. Adolpho Bezerra de Menezes, neto de Antonio Bezerra, medico illustre no Rio de Janeiro, escriptor, romancista, um dos chefes do espiritismo na Côrte, cujos interesses representou, como deputado geral, no Parlamento do Imperio, tendo occupado tam-

bem a presidencia da Camara Municipal do Municipio Neutro.

Longa seria a lista a fazer dos membros illustres do ramo cearense dos Bezerra de Menezes, entre elles o major Facundo, o brigadeiro Leandro Bezerra, o dr. Ratisbona, o dr. Leandro Bezerra Monteiro, o dr. José Geraldo Bezerra de Menezes, o capitão-mór Joaquim Antonio Bezerra de Menezes, o desembargador Assis Bezerra, o professor de direito Assis Bezerra Filho, o major Israel Bezerra, heroe da guerra do Paraguay e ainda Antonio Bezerra de Menezes, historiador conscencioso, um dos mais fortes baluartes da causa abolicionista no Ceará, fallecido não ha muitos annos, tendo deixado uma grande bagagem literaria, e bisneto do outro Antonio Bezerra, o governador das armas de 1824.

Para o Rio Grande do Norte foi um dos membros da familia Bezerra, José Bezerra de Menezes, filho de Antonio Bezerra de Souza e Thereza Maria José, irmão portanto, de Antonio Bezerra de Souza e Menezes, o chefe militar da Confederação do Equador no Ceará.

Fixou-se em uma das fazendas do actual municipio de Santa Cruz, no Rio Grande do Norte, (Jacaracica), onde viveu casado com Maria Borges do Sacramento, filha de Jeronimo Borges da Fonseca e Brigida Maria.

Muitos foram os filhos do casal José Bezerra-Maria Borges: 1) José Bezerra de Menezes Junior; 2) Antonio Bezerra; 3) Bento Bezerra; 4) José Antonio; 5) Anna; 6) Maria Manuela; 7) Rita; 8) Phelippa; 9) Manuela; 10) Brigida; 11) Thereza Maria José.

Quasi todos regressaram ao Ceará, para onde foi

José Bezerra em 1825, para promover os meios de libertar seu irmão Antonio, condemnado á pena ultima em virtude da decisão da commissão militar chefiada por Niemeyer.

A sua filha Thereza, porem, ficou na zona do Seridó, onde se casára em 1794, com um filho do Capitão-mór Galvão, fundador de Curraes Novos.

Em um dos livros de assentamentos da Matriz de Caicó, encontra-se o seguinte registro desse casamento:

> "Cypriano Lopes Galvão Junior e Thereza Maria José, elle filho legitimo de Cypriano Lopes Galvão e Vicencia Lins de Vasconcellos, e ella de José Bezerra e Maria Borges, naturaes e moradores na freguezia, casaram-se no Acary em 26 de fevereiro de 1794, sendo celebrante o padre José da Costa Soares e padrinhos Felix Gomes Pequeno e Vicente Ferreira de Mello". (5)

O casamento realizou-se na capella do Acary, um dos mais antigos municipios da zona do Seridó.

Do casal Cypriano Lopes Galvão-Thereza Maria José vêm todos os Bezerra, hoje em avultado numero, da zona do Seridó, no Rio Grande do Norte.

Os seus filhos foram em numero crescido, sendo que só do sexo masculino eram 9, ao que informa o coronel Cypriano Santa Rosa, neto do casal, o qual me narrou o seguinte, ouvido do seu pae, Cypriano Bezerra Galvão, nascido em 1809, e fallecido em junho de 1899, aos 90 annos de idade: "Por occasião da revolução de Pinto Ma-

deira, em 1831, Thomaz de Araujo Pereira, ex-presidente do Rio Grande do Norte, organizou um batalhão patriotico para auxiliar o combate ao caudilho cearense. Falou a respeito com a viuva de Cypriano Galvão Junior, (este fallecêra desde 1809 deixando os filhos em menor idade)., e expôz-lhe a necessidade de mandar alguns dos seus filhos (eram 9 filhos varões) para ajudar a defesa da Patria. D. Thereza, que a todos creára com desvelo, apesar de haver enviuvado moça, respondeu que, para defesa da Patria, não hesitava em encorajá-los para que se alistassem. Tres delles, (Joaquim, João e Cypriano Bezerra Galvão) acudiram ao appelo materno, incorporaram-se ao batalhão, tomaram parte nos combates, conjuntamento com outros seridoenses, só regressando ao Seridó após a victoria final.

Tambem um genro, Joaquim Lopes Galvão, alistou-se para a defesa da Patria.

O facto é verdadeiro, e encontra a sua confirmação em Ulisses Telemaco, nota que deixou escripta- nos seguintes termos:

> "No dia 19 de junho (1899) falleceu no Acary o capitão Cypriano Bezerra Galvão, na avançada idade de 90 annos. No periodo de convulsões politicas que se seguiu ao 7 de abril de 1831, quando o coronel Pinto Madeira soltou, no Crato, o grito de revolta contra o governo da Regencia e invadiu os sertões da Parahyba, o capitão Cypriano foi um dos primeiros a alistar-se nas legiões seridoenses e marchou a combater aquelle caudilho". (6)

Ha ainda esta outra nota de Ulisses Telemaco a respeito de Joaquim Lopes Galvão:

> "28 de julho de 1901. Falleceu na Pedra Dagua o respeitavel ancião Joaquim Lopes Galvão, na avançada idade de 91 annos. Este venerando ancião, devido a sua prolongada idade, ha muito vivia afastado das lides da vida publica. Em moço foi um cidadão prestante e util, e a sociedade de nossa terra lembra nelle um dos seus mais fortes sustentaculos. Quando o famigerado Pinto Madeira entendeu de levar a revolta e o desassocego ao seio de nossa terra, em 1831, Joaquim Lopes com outros coriíeus daquelle tempo não trepidou pegar em armas para, com risco da sua vida defender o solo sagrado da Patria, perseguindo aquelle aventureiro até os confins de nosso Estado". (7)

O ramo da familia Bezerra de Mezenes que se fixou no Seridó, tendo ali chegado através uma mulher, Thereza Maria José, filha de José Bezerra de Menezes, perdeu pelo desuso o *Menezes* conservando, porem, o *Bezerra*.

Ha dois municipios do Seridó, Acary e Curraes Novos, onde os Bezerra são numerosissimos, entrelaçados com os Araujo Pereira, os Dantas Correia, os Lopes Galvão, os Medeiros, e conservaram através muitos decenios a direcção da vida politica-social da região, extendendo por vezes a sua influencia a todo o Estado Rio Grande do Norte.

(1) O pharmaucetico José Geraldo da Cruz, residente em Crato, Ceará, forneceu-me a seguinte nota a respeito das ligações da familia Bezerra de Menezes em Caramurú e Paraguassú:

"Diogo Alvares Correia — Caramurú, casado com Catharina Alvares — Paraguassú, paes de Apolonia Alvares, casada com João de Figueiredo Mascarenhas Boatucá, paes de Gracia de Figueiredo, casada com Francisco de Barros, paes de Luiza de Barros, casada com Manoel Lobo, paes de Francisco de Barros Lobo, casado com Anna de Menezes, paes de Euzebia Telles de Menezes, casada com Miguel Alvares Campos, paes de Luiza Telles, casada com Sargento-mór, Antonio Pinheiro de Carvalho, paes do Sargento-mór José Pinheiro Lobo, casado com Perpetua de Mendonça, paes de Antonio Pinheiro Lobo, casado com Joanna Bezerra de Menezes, paes de Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, casado com Rosa Josepha do Sacramento, paes de Tenente-coronel José Geraldo Bezerra de Menezes, casado com Maria Rosa Bezerra de Menezes, paes de José Geraldo Bezerra de Menezes Filho, casado com Joaquina Geraldo Bezerra de Menezes, paes de Joaquim Geraldo Bezerra de Menezes, casado com Generosa Ephigenia da Cruz Neves, paes de José Geraldo da Cruz.

(2) Borges da Fonseca — "Nobiliarchia Pernambucana", Vol. I, pag. 35.

(3) Idem, idem, pag. 37.

(4) Tobias Monteiro — Historia do Imperio, I, pag. 246.

(5) Livro de Registro de Casamentos da Matriz de Caicó, Rio Grande do Norte.

(6) Notas deixadas por Ulysses Telemaco de Araujo Galvão.

(7) Idem, idem.

FERNANDES PIMENTA

Uma tradição conservada e transmittida de geração a greação refere haverem emigrado para o Brasil, nos fins do seculo 17 ou alvorecer do seculo 18, tres portuguezes (dois irmãos e um primo) oriundos da Villa de Faral, e pertencentes á familia Fernandes Pimenta.

Um dos dois irmãos, Antonio Fernandes Pimenta, casado com Josepha Maria da Incarnação, parahybana de Mamanguape, para onde de começo viera, situou-se, afinal, com fazenda de criação de gados, em terras do actual municipio de Augusto Severo, no Rio Grande do Norte, fazenda que passou a chamar-se "Pimenta".

Segundo notas que me foram fornecidas por um estudioso das coisas antigas do Estado, Protasio Gurgel, sete foram os filhos do casal Antonio Fernandes Pimenta-Josepha Maria da Incarnação: cinco varões, André José Fernandes, Cosme Damião Fernandes, Manuel Fernandes Pimenta, João Francisco Fernandes Pimenta e José Fernandes Pimenta, e duas do sexo feminino.

Para o estudo das origens da familia Fernandes Pimenta no Seridó interessa de modo particular André José Fernandes, que residiu na fazenda "Pedra Comprida",

(Augusto Severo) e casou-se duas vezes; a primeira com Anna Francisca do Sacramento, e a segunda com Luiza Maria de Jesus, filha de Manuel da Anunciação Lyra e Anna Filgueira de Jesus, e irmã do Padre Francisco de Britto Guerra, que foi Senador do Imperio e um dos dirigentes da vida politica potyguar em largo periodo de sua historia.

Tres foram os filhos de André Fernandes com a sua segunda esposa, Luiza Maria de Jesus: Damião que falleceu solteiro, Manuel José Fernandes que se ordenou e foi conego honorario, visitador geral, deputado á Assembléa Legislativa do Rio Grande do Norte, tendo fallecido em Caicó, cuja vigararia colada occupára, aos 10 de fevereiro de 1858; e Cosme Damião Fernandes, casado com Izabel Maria de Araujo Fernandes, filha de Phelippe de Araujo Pereira, e sobrinha de Thomaz de Araujo, o primeiro Presidente que teve a Provincia.

O ramo da familia Fernandes Pimenta que habita a região seridoense procede todo elle directamente do casal Cosme Damião Fernandes-Izabel de Araujo, que residiu na fazenda "Cavalcanti" municipio de Caicó, e do qual nasceram os seguintes filhos: a) Padre Francisco Raphael Fernandes; b) Maria Izabel Fernandes de Britto que casou com o professor Joaquim Apolinar Pereira de Britto; c) Anna Filgueira de Jesus casada com Antonio Garcia de Medeiros; d) Egidio Malalael Fernandes; e) dr. Manuel José Fernandes; f) Ananias de Araujo Fernandes; g) Izabel Fernandes; h) coronel Ezequiel de Araujo Fernandes.

Destes os que maior saliencia politica e social al-

cançaram foram o coronel Ezequiel Fernandes, que exerceu prestigiosa influencia em Caicó, onde foi um dos chefes da corrente liberal, orientada por José Bernardo, e o dr. Manuel José Fernandes, magistrado, homem muito acatado na terra em que viveu e desempenhou função publica, gosando sempre do conceito geral.

Um e outro, o dr. Manuel José Fernandes e o coronel Ezequiel de Araujo Fernandes, foram casados com filhas do capitão Cypriano Bezerra Galvão, de Acary, irmãs dos coroneis Silvino Bezerra de Araujo Galvão e José Bezerra de Araujo Galvão.

Ligados intimamente á familia Fernandes Pimenta, de Caicó, foram os Pereira de Britto, descendentes de Joaquim de Santanna Pereira, que teve como ficou dito acima, um filho, Joaquim Apolinar Pereira de Britto casado com Maria Izabel, filha de Cosme Fernandes.

O professor Apolinar leccionou na cadeira de grammatica latina de Caicó, creada por lei do governo imperial, na qual foi elle provido em 1.º de agosto de 1836, nella permanecendo por largos annos, tendo instruido varias gerações de seridoenses, muitos dos quaes chegaram a altas situações no Rio Grande do Norte, e mesmo fóra do ambito provincial, graças ao gosto pelas letras e pela cultura, adquirido nas lições que ali eram ministradas. Dois irmãos do professor Apolinar seguiram a carreira ecclesiastica, o Padre Francisco Justino Pereira de Britto e o padre José Modesto Pereira de Brito, ambos iniciados nas letras classicas na aula de seu irmão. O padre Justino, de privilegiada intelligencia, foi vigario colado de Jardim do Seridó, vistador arcipreste da Provincia Ec-

clesiastica, vindo a fallecer na sede de sua antiga freguezia em 1872.

Militou por muito tempo na politica, tendo sido por vezes deputado provincial.

O padre José Modesto sahiu do Rio Grande do Norte, andou pelo Ceará, tendo sido vigario de Missão Velha, onde demoliu a Igreja do Rosario, que então servia de Matriz, construindo em outro local um templo de melhores e mais amplas proporções — a actual matriz da parochia.

Foi tambem vigario de Exú, em Pernambuco, e nessa epoca iniciou a construção da povoação, hoje cidade de Granito, para cuja capella instituiu o devido patrimonio.

Descendentes do casal Antonio Fernandes Pimenta-Josepha Maria da Incarnação, procuraram installar-se em outros logares, Caraúbas, Apody, no Rio Grande do Norte, e Catolé do Rocha, na Parahyba.

Houve entre elles alguns de evidencia e destaque na vida intellectual, no clero, na politica, na sociedade.

O coronel Francisco Gurgel, um delles, foi chefe de grande prestigio no oeste norte riograndense, deputado federal, vice-governador do Estado.

Outro, o dr. Luiz Manuel Fernandes Sobrinho, magistrado integro, desembargador na Relação do Rio Grande do Norte, foi um dos fundadores do Instituto Historico e Geographico daquelle Estado, collaborando assiduamente na sua revista, em cujas columnas deixou trabalhos de grande valor, entre elles um referente á historia da imprensa potyguar e uma memoria sobre a naturalidade de d. Antonio Phelippe Camarão.

ENSAIO GENEALÓGICO

Dou a seguir, a titulo de exemplo e modelo a arvore de costado referente a minha filha, Marina de Godoy Bezerra.

Sendo pouco numerosas as familias tronco do Seridó, e muito entreluçadas, facil será a qualquer descendente d'ellas, guiando-se por esse modelo, organizar a que a elle interessar.

Ella:

- Marina de Godoy Bezerra
  - José Augusto Bezerra de Medeiros.
    - Manoel Augusto Bezerra de Araujo
      - Silvino Bezerra de Araujo Galvão
        - Cypriano Bezerra Galvão (1)
        - Izabel Candida de Jesus (2)
      - Maria Febronia de Araujo
        - Cypriano Lopes Galvão (3)
        - Anna Marcolina de Jesus (4)
    - Candida Olindina de Medeiros.
      - José Bernardo de Medeiros
        - João Phelipe de Medeiros (5)
        - Joanna Porphiria de Medeiros (6)
      - Paulina Engracia ed Medeiros
        - Joaquim Apollinar Pereira de Britto (7)
        - Maria Izabel Fernandes de Britto (8)
  - Alice de Godoy Bezerra.
    - Candido José de Godoy
      - José Joaquim de Godoy
        - José Joaquim de Godoy
        - Saturnina Maria de Godoy
      - Maria Ignacia de Godoy
        - Ignacio Francisco da Silva
        - Thereza Ferrando
    - Delphina Ferrando de Godoy
      - Thereza Ghisolfi Ferrando
        - Vicente Ghisolfi
        - Delphina Ghisolfi

1-3 Cypriano Lopes Galvão (1)
Thereza Maria José (2)
2-4 Antonio Pereira de Araujo (3)
5 Maria José de Araujo (4)
5 João Garcia de Araujo (5)
Maria Francisca (6)
6 Sebastião José de Medeiros (7)
Maria Francisca do Espirito Santo (8)
7 Joaquim de Sant'Anna Pereira (9)
Maria Thereza das Mercês (10)
8 Cosme Damião Fernandes (11)
Izabel Maria de Araujo Fernandes (12)

1 Cypriano Lopes Galvão (1)
Vicencia Lins de Vasconcellos (2)
2 José Bezerra de Menezes (3)
Maria Borges do Sacramento (4)
3 João Damasceno Pereira (5)
Maria dos Santos Medeiros (6)
4 Thomaz de Araujo Pereira (7)
Thereza de Jesus (8)
5 Martinho Garcia de Araujo (9)
Vicencia (10)
6 José Ignacio de Mattos
Quiteria (11)
7 Alexandre Manoel de Medeiros (12)
Antonia Gomes (13)
8 Antonio de Medeiros (14)
Maria Francisca do Sacramento (15)
9 Clara Maria dos Reis (16)
10 Manoel da Anunciação Lyra
Anna Filgueira de Jesus (17)
11 André José Fernandes (18)
Luiza Maria de Jesus (19)
12 Philipe de Araujo Pereira (20)
Josepha Dantas Correia (21)

1 Cypriano Lopes Galvão (1)
Adriana de Holanda de Vasconcellos (2)
2 Francisco Cardoso dos Santos
Thereza Lins de Vasconcellos (3)
3 Antonio Bezerra de Souza (4)
Thereza Maria José (5)
4 Jeronimo Borges da Fonseca
Brigida Maria
5 Thomas de Araujo Pereira
Maria da Concenção Mendonça (6)
6-14 Rodrigo de Medeiros (7)
Apolonia Barbosa (8)
7-20 Thomas dde Araujo Pereira (9)
Thereza (10)
8 Antonio Garcia de Sá Barroso (11)
Anna Lins de Vasconcellos (12)
9-15 João Garcia do Amaral
Helena de Araujo (13)
10-11-12 Sebastião de Medeiros (14)
Antonia de Morais Valcacer (15)
13 Cosme Gomes de Alarcão (16)
Maria da Conceição (17)
16 Antonio Paes de Bulhões (18)
Anna de Araujo Pereira (19)
17 Manoel Carneiro de Freitas
Delphina Filgueira de Jesus
18 Antonio Fernandes Pimenta
Josepha Maria da Encarnação
19 Manoel da Anunciação Lyra
Anna Filgueira de Jesus (20)
20 Caetano Dantas Correia (21)
Luzia Maria do Espirito Santo (22)

1 Cypriano Lopes Pimentel (1)
Thereza da Silva (2)
2 João da Rocha Moura
Maria Magdalena de Vasconcellos (3)
3-12 Alexandre Rodrigues da Cruz
Vicencia Lins de Vasconcellos
4 João de Souza Pereira (4)
Joanna Bezerra de Menezes (5)
5 José Ferreira Collaço (6)
Thereza Maria de Jesus (7)
6 Cosme Soares de Britto
Magdalena dde Castro
7-14 Manoel de Mattos (88)
Maria de Medeiros Pimentel (9)
8-15-17 Manoel Fernandes Ferreire
Antonia de Morais Valcacer (10)
9-13-19 Thomas dde Araujo Pereira
Maria da Conceição Mendonça (11)
10 Rodrigo de Medeiros (12)
Apolonia Barbosa (13)
11 Antonio Garcia de Sá
Maria Dornelles Bentancot (14)
16 Daniel Gomes de Alarcão
18 Manoel Vieira da Costa
Maria Paes de Bulhões
20 Manoel Carneiro de Freitas
Delphina Filgueira de Jesus
21 Caetano D. Correia (16)
Josepha de Araujo Pereira (16)
22 Sch. de Medeiros (17)
Antonia M. Valcacer (18)

1 Francisco Lopes (1)
Joanna Dornelles (2)
2 Phelipe da Silva
Joanna Salema
3 Antonio Pinto de Mendonça
Adriana de Holanda (3)
4 João Pereira de Souza Catunda
Valeria Ferreira
5 Bento Rodrigues Pereira
Petronilla de Menezes
6 Antonio Ferreira Catunda
Engracia Saraiva Leão
7 João de Souza Pereira
Joanna Bezerra de Menezes (4)
8 Rodrigo de Mattos
Catharina Fontes
9 Bartholomeu Frias Camelo (5)
Maria de Mercitos Rocha (6)
10 Pedro Ferreira das Neves
Custodia do Amorim Valcacer
11 Cosme Soares de Britto
Magdalena de Castro
12-17 Manoel de Mattos (7)
Maria de Medeiros Pimentel (8)
13-18 Manoel Fernandes Freire
Antonia Moraes Valcacer (9)
14 Antonio Gomes Bentancor
Paula Dornelles
15 José Dantas Corrêa
Izabel da Rocha Meireiles (10)
16 Thomas de Araujo Pereira
Maria da Conceição Mendonça (11)

1 Manoel Lopes Galvão (1)
Margarida Lins Accioly (2)
2 Manoel Rodrigues Pimentel
3 João Leitão de Vasroncellos (3)
Maria Barbosa da Fonseca (4)
4 Bento Rodrigues Pereira
Petronilla de Menezes
5 Antonio Pacheco de Medeiros (5)
Maria de Rezende Vasconcellos (6)
6 Francisco Lopes da Costa
Maria de Medeiros (7)
7 Rodrigo de Mattos
Catharina Fontes
8 Bartholomeu de Frias Camelo (8)
Maria de Medeiros Rocha (9)
9 Pedro Ferreira das Neves
Custodia de Amorim Vascacer
10 Manoel Vaz Varejão
11 Cosme Soares de Britto
Magdalena de Castro

1 Manoel Lopes Galvão

2 Cristovão Lins (1)

Adriana de Holanda (2)

3 Bartholomeu Leitão de Holanda (3)
Francisca dos Santos França (4)

4 João de Andrade Carvalho
Barbara da Fonseca

5 Amaro Pacheco
Ignez de Frias

6 Manoel de Oliveira Vasconcellos (5)
Izabel Pimentel de Rezende

7 Manoel Rodrigues da Rocha (6)
Beatriz Furtado (7)

8 Antonio Pacheco de Medeiros (8)
Maria de Rezende Vasconcellos (9)
9 Francisco Lopes da Costa
Maria de Medeiros (10)

1 Barthelomeu Lins
Suzana Rang

2 Arnal de Holanda (1)
Brites Mendes de Vasconcellos (2)

3 Agostinho de Holanda de Vasconcellos (3)
Maria de Paiva (4)

4 Gaspar Fernandes França
Beatriz Rodrigues

5 Matheus de Oliveira Vasconcellos (5)

6 Manoel Rodrigues da Rocha (6)
Maria Pires (7)

7 Manoel Rodrigues Furtado (8)
Beatriz Marques (9)

8 Amaro Pacheco
Ignez de Frias

9 Manoel de Oliveira Vasconcellos (10)
Izabel Pimentel de Rezende

10 Manoel Rodrigues da Rocha (11)
Beatriz Furtado (12)

1 Gonçalo Lourenço de Gomide (1)
Ignez Leitam (2)

2 Gonçalo Vaz de Mello (3)
Izabel de Albuquerque (4)

3 João Gonçalves de Gomide (5)
Leonora de Albuquerque (6)

5 Ruy Mendes de Vasconcellos
5 Gonçalo Annes

6 Martim de Oliveira de Vasconcellos (7)
Tereja Velha

7 Affonso Velho

8 Jorge Velho
Afrisca Annes (8)

9 Pedro Esteves da Rocha

10 Affonso Rodrigues Pavão

1 Nuno Martins Gomide

2 Vasco Leitão

3 Gonçalo Vas de Mello (1)
Constancia Martins

4 Vasco Martins da Cunha (2)
Thereza de Albuqquerque (3)

5 Gonçalo Lourenço de Gomide (4)
Ignez Leitam (5)

6 Gonçalo Vaz de Mello (6)
Izabel de Albuquerque (7)

7 Ruy Mendes de Vasconcellos

8 Gonçalo Annes

1 Vasco Martins de Mello (1)
Thereza Correia (2)

2 Martim Vasques da Cunha (3)
Violante Lopes Pacheco (4)

3 Fernando Affonso de Albuquerque (5)

4 Nuno Martins Gomide

5 Vasco Leitão

6 Gonçalo Vaz de Mello (6)
Constancia Martins

7 Vasco Martins da Cunha (7)
Thereza de Albuquerque (8)

1 Martim Affonso de Mello (1)
Marinha Vasques (2)

2 Gonçalo Gomes de Azevedo

3 Vasco Martins da Cunha (3)
Senhorinha Fernandes (4)

4 Lopes Fernandes Pacheco

5 João Affonso de Albuquerque (5)
Maria Rodrigues Barba

6 Vasco Martins de Mello (6)
Thereza Correia (7)

7 Martim Vasques da Cunha (8)
Violante Lopes Pacheco (9)

8 Fernando Affonso de Albuquerque (10)

INDICE

	Pag.
Palavras Iniciaes	7
A creação de gado: factor do povoamento do Seridó	9
Araujo Pereira	17
Dantas Correia	29
Azevedo Maia	41
Baptista	45
Medeiros	49
Lopes Galvão	61
Bezerra de Menezes	79
Fernandes Pimenta	89
Ensaio Genealógico	93

COLEÇÃO
JOÃO NICODEMOS DE LIMA

1. ÉCRAN NATALENSE
   Anchieta Fernandes (esgotado)
2. POETAS DO RIO GRANDE DO NORTE
   Ezequiel Wanderley (esgotado)
3. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO
   Coleção (esgotado)
4. A "CACIMBA DO PADRE" EM FERNANDO DE NORONHA.
   Luís da C. Cascudo (esgotado)
5. NATAL DAQUI A CINQÜENTA ANOS
   Manoel Dantas (esgotado)
6. A HISTÓRIA DE ESTREMOZ
   Ir. A. Maria Dionice da Silva (esgotado)
7. A IMPRENSA PERIÓDICA NO RIO GRANDE DO NORTE
   Luís Fernandes
8. GUIA DOS SEBOS DE NATAL & TEXTOS AFINS
   Abimael Silva
9. EVOCAÇÃO DE NATAL
   Djalma Maranhão (esgotado)
10. CASCUDO, MESTRE DO FOLCLORE BRASILEIRO
    Djalma Maranhão
11. CAICÓ
    Pe. Eymard L'E. Monteiro
12. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO
    Coleção II
13. CIDADE DO NATAL
    Luís da Câmara Cascudo
14. ACORDES DA ALVORADA
    Salete Fernandes Tavares
15. ALMANAK DE MACAU / 1909
    Adalberto Amorim
16. CACHORRO MAGRO
    Carlos de Souza
17. COSTUMES LOCAIS
    Eloy de Souza

18. OS AMERICANOS EM NATAL
    Lenine Pinto
19. MEMORIAL DO MEU VELHO ASSU
    Maria do Perpétuo Socorro Wanderley de Castro
20. CARTAS DE DRUMMOND A ZILA MAMEDE
    Org. Graça Aquino
21. ANOTAÇÕES DO MEU CADERNO
    Ticiano Duarte
22. IGREJA E POLÍTICA NO RN
    Org. Ilza Araújo Leão de Andrade
23. JASMINS DO SOBRADINHO
    Org. Roberto da Silva
24. MEMÓRIAS QUASE LÍRICAS DE UM EX-VENDEDOR DE CAVACO CHINÊS
    Inácio Magalhães de Sena
25. O MITO DA FUNDAÇÃO DE NATAL E A CONSTRUÇÃO DA CIDADE MODERNA SEGUNDO MANOEL DANTAS
    Pedro de Lima
26. VIVA A VERVE! – Histórias de humor e devaneios
    Armando Negreiros
27. ITACIRICA, A PEDRA QUE PENSAVA
    Waldson Pinheiro
28. A ÚLTIMA CEIA – Por uma Diet(ética) Polifônica
    Vera Lucia Pinto
29. DA FIDELIDADE E DO RISCO – Um estudo de caso: Djalma Maranhão
    Moacyr de Góes
30. COM AS MÃOS DO CORAÇÃO
    Padre Fabio
31. LITERATURA FEMININA DO RIO GRANDE DO NORTE
    Diva Maria Cunha P. de Macêdo
    Constância Lima Duarte
32. NATAL ATRAVÉS DO TEMPO
    Carlos Lyra
33. O FOGO DA PEDREIRA
    Orlando Rodrigues
34. A MAÇONARIA NO RIO GRANDE DO NORTE
    Emídio Fagundes
    João Estevam

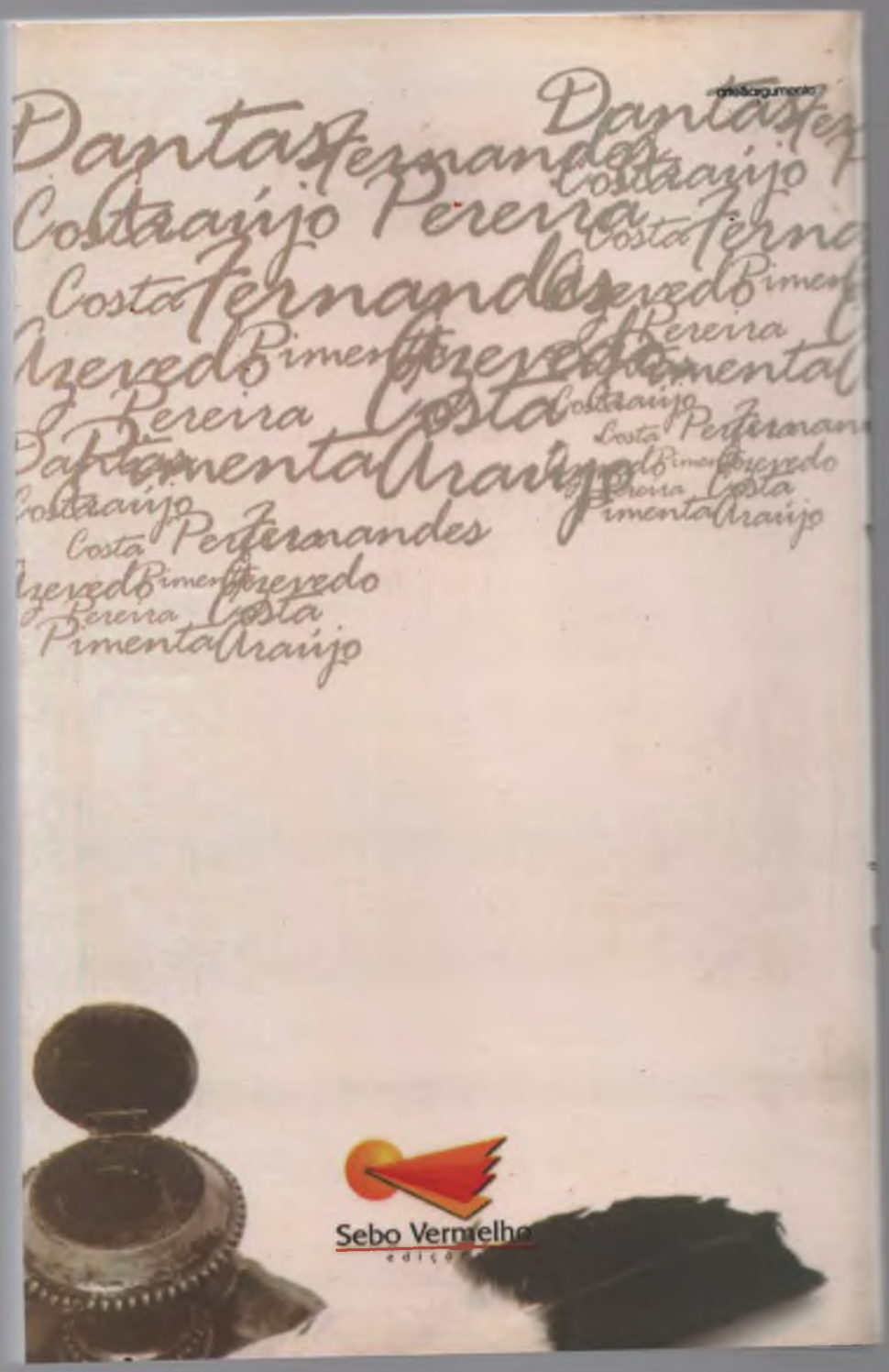
Josué Silva

35. OS TERCETOS - E UM CANTO AS VOZES DO MAR
Gilberto Avelino
36. ... E LÁ FORA SE FALAVA EM LIBERDADE
Ubirajara Macêdo
37. CÂNCER — REFLEXÕES DE UM SOBREVIVENTE
Paulo Tarcísio Cavalcanti
38. HOMENS DE OUTR'ORA
Manoel Dantas
39. OS ELEMENTOS DO CAOS
Miguel Cirilo
40. FRUTOS DO TEMPO
Valério Mesquita
41. CONFIDÊNCIAS
Francisco Fernandes Marinho
42. YINTIMIDADES
Vera Lúcia Pinto
43. A TRAMA DA ARANHA
Anchella Monte
44. A REFORMA POLÍTICA NO BRASIL E OUTROS ENSAIOS
Homero de Oliveira Costa
45. A CANÇÃO E O ABSURDO REVISITADOS
João Batista de M. Neto
46. NATAL ATRAVÉS DO TEMPO II
Carlos Lyra
47. CAMINHADA SE FAZ AO CAMINHAR COM LIBERDADE
Hélio Xavier de Vasconcelos
48. DESCOORDENADAS CARTESIANAS - EM TRÊS ENSAIOS DE QUASE FILOSOFIA
Pablo Capistrano
49. TIGRESCRITURA
Alessandre de Lia
50. PAPO JERIMUM - DICIONÁRIO RIMADO DE TERMOS POPULARES
Cleudo Freire
51. PASSOS DA MINHA VIDA (MEMÓRIAS)
Leopoldina Marinho da Costa
52. MINHAS OITENTAS PRIMAVERAS
Maria Segunda Marinho

53. A COLEÇÃO JOSÉ GONÇALVES
Org. Lenine Pinto
54. ODONTOLOGIA: OFÍCIO E LITERATURA
Lenilson Carvalho
55. EU CONHECI SESYOM
Francisco Amorim
56. RETRETA POÉTICA
Manuel de Azevedo
57. SESSENTA POEMAS DE AMOR E UMA ESTÓRIA
Carlos Newton Pinto
58. DORMÊNCIA
Lisbeth Lima de Oliveira
59. NAVIO ENTRE ESPADAS
Horácio Paiva
60. SALVADOS - LIVROS E AUTORES NORTE-RIO-GRANDENSES
Manoel Onofre Jr.
61. TESTEMUNHOS
Carlos Roberto de Miranda Gomes - *Organizador*
62. A FALSA SIMETRIA
Vicente Vitoriano
63. FAMILIAS SERIDOENSES
José Augusto

Paris, Caicó era a mais bela cidade do mundo. Publicado em 1940, no Rio de Janeiro, como primeiro título da coleção Biblioteca Histórica Norte-Rio-Grandense, Famílias Seridoenses foi sucesso absoluto e logo se tornou raridade. Sessenta e dois anos depois, Famílias Seridoenses volta às livrarias com o mesmo brilho de antigamente.

Abimael Silva


Dantas
Costa
Pereira
Fernandes
Azevedo
Pimenta
Araújo
Sebo Vermelho